



MALTAS DE SAIA

Histórias das mestras de capoeira da Bahia



Franciane Simplicio (Coord.)





MALTAS DE SAIA

Histórias das mestras de capoeira da Bahia



O projeto tem apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura e da Fundação Pedro Calmon (FPC) (Programa Aldir Blanc) via Lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal.

MALTAS DE SAIA

Histórias das mestras de capoeira da Bahia

Copyright ©2021 by Franciane Simplicio Figueiredo

Direitos para esta edição Maré Cheia Produções Criativas e Sustentáveis

Coordenação: **Franciane Simplicio Figueiredo**

Pesquisadoras: **Dayse Simplicio Figueiredo Cerqueira,**

Maria Luisa Bastos Pimenta Neves, Maristela Carvalho de Souza

Ficha Técnica

Projeto Gráfico e Editorial: **Lado B (Patricia Simplicio e Belmiro Neto)**

Capa e Ilustrações: **Sandra Lavandeira**

Foto: **Anderson Santos Ferreira**

Revisão: **Elis Angela Franco Ferreira Santos**

Idealização: **Maré Cheia Produções Criativas e Sustentáveis**

M261 Maltas de saia : histórias das mestras de capoeira da Bahia / Franciane Simplicio
2021 Figueiredo , coordenadora. – Bahia : Maré Cheia Produções Criativas
Sustentáveis, 2021.

90 p. ; il.

ISBN: 978-65-5854-393-0 (e-book)

1. Mulheres - Biografia. 2. Mulheres capoeiristas - Biografia. 3. Capoeiristas.
4. Capoeiristas - Bahia. I. Título.

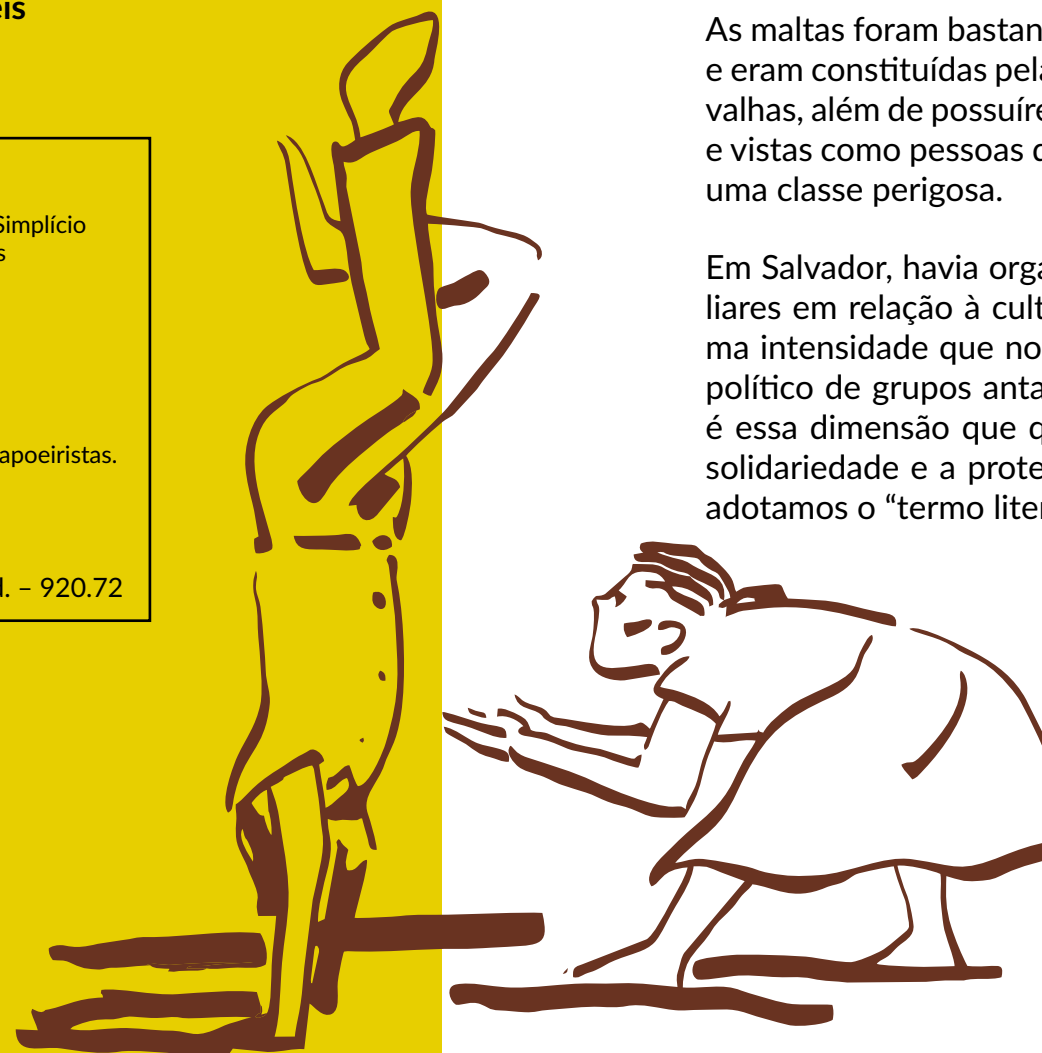
CDD 23. ed. – 920.72

APRESENTAÇÃO

Queria conhecer as histórias das mestras de capoeira da Bahia e percebi que os registros eram escassos, pois não achei um livro que pudesse contar um pouco da vida dessas mulheres. *Maltas de Saia*¹, título desta obra, retrata a história das atuais mestras de capoeira da Bahia. E a inspiração que me fez escolher esse nome para o livro foram as mulheres capoeiras do início do século XX, que sempre compartilharam as ruas da velha Bahia com os homens e tiveram suas histórias ocultadas por um sistema hegemônico, racista e patriarcal.

As maltas foram bastante expressivas no século XIX, no Rio de Janeiro, e eram constituídas pela população negra urbana, portavam facas e navalhas, além de possuírem grandes habilidades corporais. Eram temidas e vistas como pessoas de alta periculosidade, violentas, agressivas e de uma classe perigosa.

Em Salvador, havia organizações por espaços geográficos muito peculiares em relação à cultura das maltas, e ainda assim não teve a mesma intensidade que no Rio de Janeiro. Houve um crescente interesse político de grupos antagônicos pelos serviços das maltas, porém, não é essa dimensão que quero tratar, e sim o companheirismo grupal, a solidariedade e a proteção mútua entre eles. E foi nesse sentido que adotamos o “termo literário” Maltas de Saia.



Autores como Antonio Liberac, Josivaldo Pires, Adriana Albert, Pedro Abib e estudos mais recentes, como o de Paula Foltran, apontam que os Capoeiras do início do século XX não estavam sozinhos, pois esse universo pertencia também às mulheres, as quais disputavam os espaços sociais a golpes de navalhas, cacetetes e pontapés contra quem lhes representasse uma ameaça, e muitas vezes atuavam em grupos.

Essas mulheres se faziam presentes nas ruas de Salvador, seja trabalhando nas feiras, mercados e fontes, ou até mesmo se divertindo em meio ao samba, batuques, bebedeiras e pernadas. Era desse modo que elas resistiam e, muitas vezes, precisavam usar da ousadia, malandragem e agilidade para sobreviver.

Essas histórias, ocultadas ao longo dos anos, aparecem nessa obra com o compromisso político de rejeitar uma escrita míope e que seja capaz de trazer à tona as experiências atuais dessas mulheres enquanto Mestras de capoeira. Por essa razão, propus a organização do livro com o intuito de contribuir com a disseminação dessas histórias e pretendo continuar com a inclusão daquelas que, por algum motivo, não fizeram parte dessa edição.

O objetivo do livro *Maltas de Saia* é apresentar ao grande público importantes histórias referentes às atuais Mestras de Capoeira da Bahia, de forma didática e acessível, através de uma linguagem simples e direta, entendendo a linguagem como mecanismo de manutenção de poder quando não elaborada a fim de ser compreendida por um amplo público. Compreendemos a importância de promover as narrativas dessas mulheres, colocando-as na condição de protagonistas que, historicamente, foram invisibilizadas, contudo, resistiram e resistem.

Neste volume, apresentaremos textos biográficos como forma de abarcar as vivências e intersecções dessas mestras, destacando a importância política, social e cultural da presença da mulher na capoeira, dispostas em ordem alfabética e associadas à sua imagem. Portanto, teremos o prazer de conhecer um pouco mais das histórias dessas mestras que desenvolvem a capoeira nas suas diferentes dimensões, seja de forma lúdica, educativa, cultural, artística, política, de luta e até mesmo esportiva.

É importante pontuar que esse livro é organizado e escrito por mulheres capoeiristas e pesquisadoras, e baseado em entrevistas concedidas

pelas próprias mestras. Então, é chegado o momento de falar sobre essas mulheres, conhecer as histórias de atuação e resistência de cada uma delas, as quais muito se assemelham às histórias de mulheres de outrora, quando falamos sobre habilidade com os pés, determinação, valentia, coragem e agilidade corporal entre elas, através de muitas proezas e em busca da resistência e reexistências.

Esse livro é resultado de uma gama variada de esforços, fruto de políticas públicas do edital n.º 01/2020 – Premiação Aldir Blanc Bahia/ Prêmio Fundação Pedro Calmon. Agradeço muitíssimo às capoeiristas pesquisadoras e às Mestras que aceitaram prontamente o convite e se dispuseram a colaborar. Acredito que, dessa forma, conseguiremos alcançar um resultado bastante significativo.

Franciane Simplicio²

¹ O nome *maltas de saia* foi inspirado na alusão feita por Pedro Abib, em seu livro *Mestres e Capoeiras Famosos da Bahia* (2009), p. 37, ao contar a história de Almerinda, Menininha e Chica. Além da fala de Josivaldo Pires em seu livro *Capoeira, Identidade e gênero: ensaios sobre a história social da capoeira no Brasil* (2009), p. 129, quando aponta a possibilidade das mulheres também atuarem em *maltas*.

² Mestra em Educação pela Universidade Federal da Bahia, conhecida na capoeira como professora Bissonha do Grupo de Capoeira Gangara, idealizadora da Maré Cheia Produções Criativas e Sustentáveis.



MES
TRAS



MESTRA BYA

Noemia Evangelista da Penha

Nascida em 03 de novembro de 1967, em Salvador, Mestra Bya é filha de João Evangelista de Jesus e Elza de Jesus, uma família formada por quinze filhos/as: dez meninas e cinco meninos. Dessa prole numerosa, apenas Mestra Bya e outra irmã, que já tem o título de professora, são capoeiristas. Outra irmã também era praticante, mas acabou desistindo da prática.

A menina Bya teve uma infância um pouco conturbada, haja vista ter sido abandonada por sua mãe quando tinha um ano e oito meses, fato que marcou sua vida. Ela foi criada por seu pai, por sua tia e por sua madrasta. Lembra de ter sido uma criança muito 'presa'. Com as voltas da vida, ela, aos 12 anos, conheceu sua mãe, moradora da ilha de Mar Grande, onde viveu uma "maravilhosa adolescência".

Foi em Mar Grande, também, que ela conheceu a capoeira, quando estava para completar 13 anos. Iniciou com o Mestre Luís Medicina, no Grupo Meninos da Ilha. Esse grupo, no início dos anos 80, já contava com vários professores, e Mestra Bya foi aluna de um deles, o professor Val, hoje, Mestre Val. Ela considera ambos como seus mestres.

Praticante de capoeira regional, a mestra fundou, no Nordeste de Amalina, onde se instalou e reside até hoje, a Associação Afro Bahia de Capoeira, juntamente com Mestre Careca, seu esposo na época, pai de

seu único filho, Caíque. Hoje, já não estão mais casados e Mestre Careca não integra mais o grupo. Mas Mestra Bya prosseguiu. Foi pioneira em um época em que poucas mulheres se responsabilizavam por um grupo de capoeira. Ela recorda:

“Bem, eu comecei a dar aula de capoeira e ajudar os mestres por quem passei, quando ainda era cordão azul. Eu era muito interessada e dedicada às aulas. Assim, ajudava os mestres com quem treinei: Mestre Bozó Branco, Mestre Ninha, Mestre The Flash, Mestre Crush. Por este último, fui formada professora em 1998”.

Dez anos depois, em 08 de junho de 2008, foi formada mestra, a primeira do Nordeste de Amaralina. É uma grande cantadora e possui um CD gravado com suas próprias composições. Apesar de sua vida dedicada à cultura, Mestra Bya não teve oportunidade de viajar com a capoeira. Em determinado momento, quase visitou os Estados Unidos, mas teve seu visto negado. Em seu entendimento sobre o que é a capoeira, uma forte lição nos é dada por Mestra Bya, em um momento como o atual, em que viajar por causa da capoeira e ser conhecido/a por vídeos na internet influenciam toda uma geração. Ela reverencia a capoeira:

“Capoeira é tudo para mim, conheci a capoeira num momento obscuro da minha vida. Então, me entreguei de corpo e alma. A capoeira me fez ver o sol em um momento difícil. Então, desde que a conheci, ela é minha família, minha luz, onde o pouco que tenho se torna muito. Tudo que conquistei foi através dela. Enfim...a capoeira é o ar que eu respiro”.

**Puro exemplo de
perseverança, respeito
e reverência à capoeira. Axé!
Viva Mestra Bya!**



MESTRA CLAUDIA

Claudia Viana Ávila D'Andrade

Nascida em 17 de maio de 1967, em uma vila pertencente ao município de Buerarema, hoje consagrada como São José da Vitória, cidade pequena do Sul da Bahia, Mestra Claudia é filha de Dinalva Francisca Viana (in memoriam) e Antônio Adilson D'Ávila. É nessa cidade serrana, abastecida pelo rio Una, que a menina Cau, como era chamada pelo seus pais, passa os primeiros anos de sua vida, em uma família de quatro irmãs.

O contato com a capoeira ocorreu ainda na infância, por meio de um tio que morava em uma fazenda perto de São José da Vitória, o qual era apaixonado pela capoeira e acompanhava sempre que podia tudo que se referia a esta, bastava falar no rádio ou no jornal que ele ficava atento. Mas, nesse momento, ela não se interessava pela prática e não existiam grupos na cidade, raramente se ouvia falar sobre capoeira.

Aos 8 anos de idade, a roda da vida já lhe dá sua primeira rasteira, levando sua mãe lá “pras” terras de Aruanda. Com isso, muda-se para Ilhéus com seu pai e duas irmãs, eles vão morar no bairro de Pontal, e sua irmã caçula fica com os avós em São José. Mais tarde, em 1978, a família vai para a terra de Jorge Amado (Itabuna) em busca de maiores oportunidades.

Mestra Claudia, aos 12 anos de idade, em Itabuna, gostava muito de estudar e tinha uma rotina bem parecida com as meninas da sua idade,



gostava de fazer amizade e tinha muitas amigas na escola. Já na adolescência, a vida lhe reservou uma surpresa afetiva, quando conheceu um rapaz chamado Joilson Silva D'Andrade, com quem começou a namorar. Ele era amigo de sua irmã Kátia D'Ávila e irmão de suas melhores amigas da escola. Hoje ele é conhecido como Mestre Risadinha, do Grupo Cordão de Ouro.

E foi com ele que ela voltou a ouvir falar da capoeira. Casou-se, teve duas filhas, e a cada dia descobria que seu marido era apaixonado pela capoeira. Ele começou a treinar muito novo, na década de 70, e como viajava muito, e muitas vezes ela ficava em casa, teve interesse em acompanhá-lo, assim, aos 24 anos de idade, decidiu que iria treinar, então, começou a dar seus primeiros passos. Suas duas filhas, Jayanne e Camylla, fizeram capoeira por muito tempo, mas pararam. Mestre Claudia relata como foi seu início na capoeira:

“Logo me encantei pelos instrumentos, o atabaque e o pandeiro, aí depois resolvi treinar a capoeira pra valer, resolvi treinar mesmo e não parei mais, isso foi na década de 80, no ano de 87/88, e não parei mais”.

Sua trajetória na capoeira começa com Mestre Magrelo, aluno do Mestre Luís Medicina, no Grupo Plaza Center. Mais tarde, o Mestre Magrelo muda de espaço e passa a ocupar um espaço cultural da prefeitura, e em homenagem ao Mestre Luís Medicina, ele troca o nome do grupo para Grupo de Capoeira Luís Medicina. Anos depois resolve fazer uma nova homenagem ao mestre, e o grupo passa a se chamar Grupo Raça, título que permaneceu por 20 anos.

Muito certa do que queria, junto com seu marido, montou a própria academia, denominando-a Espaço Alternativo Capoeira Raça. Com a sua saída do grupo e a ida para o Grupo Cordão de Ouro, esse espaço passa a ser chamado Raiz da Cordão de Ouro, ou Raiz CDO, como é bem conhecido. Mestre Claudia costuma dizer que “Saímos do pai e fomos para o avô, porque o Mestre Luís Medicina é aluno de Mestre Suassuna”.

Ela nunca ganhou dinheiro com a capoeira, sempre fez trabalho social. É funcionária pública, professora do estado, assumia como vice-diretora, dava aula pela manhã, e no período da tarde aproveitava para

ensinar o que aprendeu. Conta que tirava as cadeiras da sala, dava aula, depois colocava as cadeiras todas no lugar, porque à noite tinha aula na escola e isso se repetia toda segunda, quarta e quinta. Esse grupo foi crescendo, crescendo, hoje tem alunos formados e continua com os trabalhos voluntários.

Para realizar as atividades, recebe doações de malhas e ela mesma faz questão de confeccionar as calças, compra com seu próprio provento e ajuda das/os amigas/os e marido as camisas, tudo isso para colaborar com os/as meninos/as que vivem em situação de risco, que não têm condições. Em troca recebe carinho dessas crianças e jovens.

Em 2006, como resultado do seu trabalho da pós-graduação, publica o livro *Capoeira: de Luta de Negro a Exercício de Branco*, o qual está na segunda edição. Alguns pesquisadores apontam que ela é pioneira por escrever um livro que conta a história da capoeira de Itabuna, é o primeiro da Bahia. Sua formação inicial e pós-graduação é em História. Em 2017, recebeu sua graduação de Mestre no Grupo Cordão de Ouro, e em 2018 foi confirmada. Em 2019, aconteceu o Capoeirando - festa internacional realizada pelo Mestre Suassuna para consagrar todos/as os mestres/as - e participaram quatorze homens e ela era a única mulher.

Em sua trajetória, teve a oportunidade de conhecer a Itália, Portugal, França, Espanha, além de ser convidada para ministrar oficinas, workshops, com despesas custeadas e recebimento de cachê em forma de reconhecimento, assim como os mestres. Além disso, realiza anualmente batizado, recebe muitos capoeiristas oriundos de diferentes grupos e lugares. A Mestre Claudia diz que a capoeira abre muitas portas para quem abre as portas também.

Para ela, a capoeira é um modo de vida, filosofia que encanta, agrega, traz benefícios tanto para a parte física como para a mental e intelectual. Ela só soma, em nenhum momento diminui nada e não tira nada de ninguém. A mestra relata o carinho que recebe da comunidade capoeirística:

“Você chegar e as pessoas lhe reconhecerem, reconhecem seu trabalho de mestra. Principalmente para nós mulheres. Por exemplo, você chegar sozinha com seus alunos é sempre mais difícil do que o homem. O fato que eu acho interessante é que o

local que eu chego sou sempre bem recebida, com muito respeito, aquela questão das pessoas até estranharem. Ah! você joga, você canta, você toca, eu digo que de tudo eu faço um pouco, até escrever um livro”, lembra até uma música.... “eu jogo, mas não sou angoleira, eu toco, mas não sou um bom tocador, mas de tudo você faz um pouco.... então, tudo isso chama atenção quando viajo. Porque têm mulheres que jogam mas não tocam, aí quando me veem falam você é danadinha, faz tudo, porque é muito difícil você vê uma mulher que faz um pouco de tudo, joga, canta e toca. Eu digo para as minhas alunas que não precisa ser a melhor jogadora, mas fazer o que gosta, da forma que você consegue, que seu corpo permite.

***Em meio a adversidades, a Mestre Claudia segue, com sua história, ensinando e inspirando outras mulheres, afinal, quando a vida dá um nó, a capoeira desfaz!
Viva Mestre Claudia!***





MESTRA DANDARA

Aurelice dos Santos Bispo

Nascida na década de 70, no Jardim Cruzeiro, bairro localizado na Cidade Baixa de Salvador, em uma região cujas principais atividades econômicas eram comercial e portuária, Mestre Dandara viveu com seus pais, os quais obtinham nas idas às feiras a renda para sustentar os/as seis filhos/as. O estudo sempre foi primordial no ambiente familiar, pois sua mãe não queria que os/as filhos/as tivessem uma vida tão árdua, e acreditava que a escola poderia transformar a realidade deles/as.

Quando criança, Mestre Dandara costumava frequentar as festas populares de Salvador, e o som do berimbau tocado nas rodas de capoeira foi fundamental para despertar o desejo por essa prática. Porém, esse pertencimento ao mundo capoeirístico não aconteceu de forma tão harmoniosa, pois seus pais eram totalmente contrários, o que motivou Mestre Dandara a conseguir uma hora extra e sair escondido do ambiente escolar para realizar os treinos, algo que ela atualmente não recomenda.

Aos 13 anos, começou a treinar capoeira com Antônio Albino Soares, conhecido na capoeiragem como Mestre Angola. Ele foi discípulo de Maurício Lemos de Carvalho, o Mestre Vermelho da Moenda, discípulo direto do Mestre Pastinha. A cada treino realizado, seu desejo em con-

tinuar no universo da capoeira aumentava. Assim, diante do comportamento da filha, sua mãe viu que não tinha jeito, então a entregou aos cuidados do Mestre Angola, permitindo que ela realizasse o seu sonho; vindo sua mãe a falecer anos depois, Mestre Angola fez jus ao seu pedido de cuidar de Mestra Dandara e protegê-la.

A relação de unicidade entre mestre e discípulo foi se fortalecendo, chegando a ponto da Mestra Dandara receber convites de viagem para o exterior, contudo, o seu mestre, entendendo que ainda não era o momento, não concedeu a permissão e lhe ensinou que ainda precisava amadurecer dentro da ritualística da capoeira, para depois poder trilhar o seu destino, fato muito importante para o crescimento da mestra.

Por volta de 5 anos de comprometimento com a capoeira, Mestra Dandara, que nessa época ainda era aluna, pôde ministrar aulas com a supervisão do Mestre Angola. Dessa forma, para cada movimento falho e/ou mal executado, ele fazia as devidas considerações, porém, esperava o momento em que os dois estivessem a sós para aprimorar o conhecimento dela, não a advertindo em público.

Mestra Dandara ministrou aulas de capoeira, na década de 90, na Vila Militar dos Dendzeiros - Bonfim, na Fundação Cidade Mãe, e em diversos bairros. Lecionou na Escola Vitor de Soares, na Ribeira, e participou de vários projetos sociais ao longo de sua formação e construção para se tornar mestra.

Ao longo desses mais de 30 anos dedicados à capoeira, participou de inúmeros batizados, rodas, oficinas, palestras e encontros. Com o passar dos anos, deu continuidade às participações nos eventos de capoeira, sempre adequando sua rotina de trabalho, de forma harmoniosa. Realizou oficinas de movimentos, musicalidades, confecção de instrumentos, fundamentos, ritualística da capoeira e afins. Atualmente, recebe convites para palestrar sobre a capoeira na Bahia e em outros estados do Brasil, além das propostas internacionais.

A caminhada na capoeira e sua história de vida permitiram que “a volta ao mundo” fosse realizada, e foi através das “chamadas de Angola” que ela conseguiu perseverar, dando continuidade à sua linhagem de capoeira. O saber ancestral possibilitou à Mestra Dandara conduzir seu corpo permeado pelos sons dos instrumentos e pelas vozes da capoeira.

E o seu potencial enquanto ser humano consciente de sua relação com a africanidade a projetou para ocupar os devidos espaços, abrindo novos horizontes e fomentando novas relações pela arte.

Contudo, ainda existem muitos desafios relacionados ao patriarcado na sociedade, oprimindo mulheres e homens nas rodas da vida. Nesse sentido, o percentual de pessoas do sexo feminino que consegue a mestria na capoeira ainda é muito reduzido, e um dos motivos desse quantitativo se deve, dentre outros fatores, às desigualdades.

Nesse sentido, o balanço da ginga dita um compasso que ainda é marcado pela desigualdade de gênero. E apesar da capoeira ter surgido no processo de diáspora, como forma de resistência, ainda assim ocorre uma grande perda de pessoas que frequentam esse espaço, fato que a Mestra Dandara conseguiu “negacear” com muita habilidade, pois as dificuldades foram superadas e ela se colocou com respeitabilidade no “hall” da capoeiragem baiana, a “meca” da arte no planeta.

Atualmente, a capoeira também revela uma questão mercadológica, em que o título de mestre vem agregado ao serviço que é oferecido pelo grupo ao qual se pertence, entre outras formas de negociação com a arte capoeira. De acordo com a mestra, não cabe a ela julgar o mérito ou direito a quem o título foi concedido, pois a capoeira se trata de uma arte digna e pode, de forma positiva, estar associada a fins lucrativos, podendo ser uma fonte de renda para muitas pessoas. Assim, sua crítica está relacionada especificamente às pessoas que só usam a capoeira e não agregam valores a essa cultura ancestral.

Apesar de se ver muitas mulheres nas rodas de capoeira, ainda assim não está em consonância com a quantidade feminina que assume lideranças. Contudo, a própria trajetória da mestra se configura como mecanismo de ruptura e exemplo positivo para homens e mulheres da periferia, pois ela resistiu, venceu e abriu portas, sendo reconhecida pela ancestralidade que habita em sua peculiar mandinga de Angola.

Para Mestra Dandara, é muito importante refletir sobre a contribuição da mulher na capoeira, de forma democrática. Ela espera que a mulher

não seja vista apenas como um sexo frágil, e sim como uma protagonista de sua história; que os espaços das rodas sejam reconstruídos coletivamente, considerando a participação de homens e mulheres harmonizados em prol da emancipação feminina na sociedade.

“Meu nome foi feito na pedra, não foi feito na areia”, relata Mestra Dandara. E assim ela segue firme. Tornou-se uma mulher forte, educadora social, historiadora, mestra de capoeira e, acima de tudo, uma pessoa do “bem”, querida e acolhida por muitos.

Viva Mestra Dandara!



MESTRA ESPERANÇA

Adriana de Araujo Soares da Silva

Nascida em 23 de novembro de 1983, na região Oeste do estado da Bahia, no município de Barreiras, Mestra Esperança é filha de Maria José de Araújo e Manoel Domingos Soares, família formada por mais seis irmãos/ãs com quem brincava nas horas vagas. Morava no bairro Vila Brasil e veio de uma família grande e acolhedora.

Aprendeu capoeira ainda criança, aos sete anos, quando sua mãe teve a iniciativa de matriculá-la no projeto “Meninos de rua”, tendo como responsável o Mestre Zé Maria.

Era muito assídua aos treinos com seu professor Zé Baixinho, com quem criou laços fraternos. Com o passar dos anos, ela foi contemplada com uma bolsa que dava direito a participar dos treinos na sede da Associação Mestre Zé Maria, e nesse local só treinavam os melhores da época. Foi a partir desse episódio que ela se consolidou no universo capoeirístico e nunca mais parou.

A trajetória com o Mestre Zé Maria foi até a sua graduação de professora, em 2004, pois houve a necessidade do grupo parar por tempo indeterminado. Porém, ela foi perseverante e continuou com o trabalho



que vinha executando, mas encontrou muitas dificuldades e falta de apoio, o que a levou a migrar para a Associação de Capoeira Cultura Brasil, tornando-se discípula do Mestre Dino, do Rio de Janeiro.

Levou muitas rasteiras de pessoas que faziam parte do seu convívio social, devido à posição que preferiu tomar, migrando de grupo, mas a própria capoeira lhe ensinou a contragolpear e seguir o jogo da vida conforme o ritmo do berimbau. Ela é divorciada e teve três filhas, sendo que uma veio a falecer. Hoje, a mais velha tem doze anos e a outra tem nove anos, frutos de um relacionamento que se iniciou na capoeira.

Por duas vezes pensou em abandonar essa arte, mas sua filha, que faleceu e era especial, foi quem não permitiu que ela desistisse, dando-lhe força para que ela continuasse. Para a sua felicidade, em 2000, surgiu a oportunidade de viajar, saindo de Barreiras, a sua terra natal, e pôde desbravar outras regiões.

Nas voltas que o mundo dá, o Mestre Zé Maria reconhece o seu arrependimento de não ter concedido o título de mestra à Esperança. Mas, no dia da sua formatura, ele se fez presente para compartilhar essa felicidade e dar o seu devido reconhecimento, pois, para Esperança, a presença do Mestre Zé Maria era de muito valor, afinal estava se tornando a primeira mestra formada no oeste da Bahia.

Para ela, a capoeira educa e é maravilhosa, porém, deixa as cicatrizes do golpe que muitas vezes não tem como esquivar, principalmente quando o ataque é contra uma mulher agente de resistência. Nesse sentido, também sofreu preconceito, e mesmo assim segue “de cabeça erguida”, marcando presença significativa no seio familiar e nas lutas sociais.

Em 2006, com a crescente expansão da capoeira, surgiu o convite de viagem para vários lugares, e a oportunidade de propagar essa manifestação cultural de forma esplêndida, culminando na abertura de várias filiais em outras cidades. Nesse momento, a sua mãe foi a maior motivadora para que esse caminho fosse trilhado.

De todas as liberdades que teve, a de ser feliz ao lado das filhas trouxe um enorme contentamento. Segundo ela, a esperança de que tudo vai ficar bem é inerente ao ser maternal, e toda vez que algo a abalava, já sabia que tudo ficaria bem novamente em sua vida. Precisava trabalhar,

dar conta dos afazeres domésticos e cuidar das filhas; e ainda conseguir um tempo extra para se dedicar aos treinos e estar presente nas rodas. Ser mãe e capoeirista era algo desafiador, e ela transbordava essa felicidade através de uma realização pessoal.

Mestra Esperança relata que, se fosse para começar de novo, faria do mesmo jeito, iria para capoeira: “A capoeira foi meu pai e minha mãe, ela quem me educou e possibilitou que hoje eu viva de/para a capoeira, garanta o meu sustento através dessa arte com dignidade”. Além disso, segundo ela, “A capoeira é uma forma de se expressar e envolve psicologia, terapia, sensação de bem-estar, enfim, é uma formação para a vida!”, relata a mestra Esperança.

***Merecedora da admiração popular, Mestra Esperança deve ser lembrada e homenageada por todos, pelo seu exemplo de perseverança, resistência e comprometimento com a capoeira.
Viva Mestra Esperança!***



MESTRA FAFÁ

Maria de Fátima Evangelista Bomfim

Nascida em 18 de outubro de 1981, na cidade de Lauro de Freitas, região metropolitana de Salvador, na Bahia, Mestra Fafá é filha de Francisco Bomfim e Valdelice Evangelista. Tem três irmãos por parte de pai e três irmãos por parte de mãe, um deles é capoeirista. Domina a arte de fazer tranças, sendo uma conhecida trançadeira de cabelo na região onde mora, mas sua bandeira é a capoeira, a qual pratica desde 1990.

Sua iniciação na capoeira se deu no bairro de Pitangueiras, Lauro de Freitas, com o Mestre Regi, e ela sempre integrou o Grupo Filhos de Oxóssi Guerreiro. Recebeu a corda de aluna formada em 1995 e, nesse período, passou a ajudar o seu mestre, dando aulas para as crianças. Mestra Fafá tem sua vida pessoal e profissional envolvidas e unidas pela capoeira. É casada com o contramestre Pesadelo, seu companheiro de vida e de ofício. Tem um filho, o Bomami, e uma filha, a Ariadne, ambos a acompanham na capoeira desde a época em que estavam em sua barriga.

A mestra pretende levar adiante o legado de seu mestre e é a responsável pela comissão de eventos do grupo. Ela comenta sua dedicação, quando afirma que capoeira para ela era de segunda-feira a segunda-feira. Com o passar do tempo, passou a ministrar aulas de capoeira, dança afro e maculelê.



Nas palavras dela, “Ao longo do tempo, fui evoluindo, a responsabilidade vindo e o amor pela capoeira crescendo”. Assim, passou a dar aulas em diversos espaços como escolas, uma pousada, e até em Amaralina, na academia do irmão do campeão Popó. Seu primeiro apelido na capoeira, anterior ao atual Fafá, foi dado por um mestre de seu grupo, o Mestre Val e, por ser brava e não levar desaforo para casa, foi conhecida, por muito tempo, como Capeta.

A capoeira deu a ela a oportunidade de dar aulas práticas e teóricas para estrangeiros/as, e também a levou para outros locais como uma representante legítima de seu grupo. Mestra Fafá jogou capoeira e participou de eventos em Feira de Santana, Alagoinhas, Madre de Deus e Brasília. Em 2013, foi reconhecida a primeira mestra de capoeira do município de Lauro de Freitas, momento que recorda de maneira grata e feliz.

Mestra Fafá define capoeira em uma palavra: GRATIDÃO. Ela explica essa definição com profundidade: “Agradeço muito à capoeira pelo que me formei. Sou uma mulher de bairro pobre e humilde”. Demonstra, mais uma vez, que na capoeira encontrou seu caminho, sua orientação e uma maneira de superar as dificuldades da vida.

A mestra define com muito amor o que recebeu na capoeira: empoderamento, autoridade, ousadia e responsabilidade. Assim declara: “Obrigada, capoeira, por me ensinar a mandinga da vida! O meu amor por ti será eterno”. Consciente da importância de não ter desistido, Mestra Fafá, com sua sabedoria e vivência, agradece ao Tempo!

Essa é mais uma linda história de vida de uma mestra de capoeira, que nos ensina e nos presenteia como inspiração. Viva Mestra Fafá!



MESTRA JANJA

Rosângela Janja Costa Araújo

Nascida em 04 de outubro, dia de São Francisco de Assis, em Feira de Santana, no estado da Bahia, em 1959, Mestra Janja é filha de Jolina Costa Araújo e Juvenal Santos Araújo. Ela cresceu em uma família de sete irmãos/ãos, cinco mulheres e dois homens, além de uma tia. Anteriormente a ela, não houve em sua família quem jogasse capoeira; depois dela, sua irmã, cinco anos mais nova, chegou a treinar um período no GCAP - Grupo de Capoeira Angola Pelourinho e, posteriormente, no Grupo Nzinga de Capoeira Angola, mas não permaneceu. Entre os irmãos/ãos, apenas ela floresce nesse ambiente da capoeira, porém, seu filho de 21 anos seguiu seus passos, para sua alegria.

Em Feira de Santana, em uma ambiência semiurbana, com aspectos rurais bem marcados, onde tinha as imensas feiras livres, as quais ocupavam as ruas centrais, para onde vinham pessoas de vários lugares e cidades circunvizinhas, Mestra Janja cresceu. Ela morava em uma casa que ficava em uma praça, e esta tornou-se seu grande mundo, uma experiência de vida coletiva, vizinhança bem articulada, com muitos eventos organizados coletivamente, uma riquíssima convivência. A sua casa foi uma das primeiras a ter televisão, era um outro grande evento, já que todos iam para lá levando suas cadeiras e banquinhos. Sua fami-

lia sempre foi muito festeira, buscando um motivo para comemorar e celebrar a vida.

Filha de um casal inter-racial, teve mais contato com sua família materna: "...dentro dessa família posso dizer que sou a primeira neta negra da minha avó". Apesar de todas as dificuldades da época, a infância foi marcada por práticas muito criativas, inventivas, sobretudo do ponto de vista da atividade física, corporal, de brincar de subir em cavalo, andar a cavalo. São várias lembranças:

"[...] fazia muitas estripulias de criança, éramos muito musicais, queria imitar o Michael Jackson, os Jackson's Five, criamos os Araújo's Five, e uma infância sem muitos bens materiais, mas sem também muitos tropeços, fora quando chovia tinha trovão, ficávamos com medo da chuva derrubar a casa".

Sua introdução na capoeira se deu aos 21 anos, no início da década de 80, no Grupo de Capoeira Angola Pelourinho -GCAP, no Forte Santo Antônio Além do Carmo, quando já estava terminando a faculdade de educação física, iniciada no final dos anos 70, época quando não se via a presença de muitas mulheres na capoeira. Mais tarde graduou-se em História pela Universidade Federal da Bahia - UFBA e permaneceu no GCAP até 1994, quando foi morar em São Paulo.

Mestra Janja conta que, na trajetória do grupo, teve três mestres: Moraes, Cobra Mansa, que, na época, embora não fosse mestre ainda, era assim que já o consideravam, e depois de um tempo veio o Mestre João Grande se juntar ao grupo, quando "conseguimos que ele deixasse o posto de gasolina onde trabalhava e se dedicasse totalmente à capoeira". Ela teve a experiência fantástica de conviver com três gerações de mestres ao mesmo tempo, e isso durou alguns anos, até Mestre João Grande ir embora para os Estados Unidos.

Hoje, seu grupo é o Nzinga de Capoeira Angola, que fundou quando foi morar em São Paulo, onde cursou o mestrado e o doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo - USP. Em 2021, o Grupo Nzinga completou 26 anos de existência, e é um grupo exclusivamente de capoeira angola.

Começou a dar aula antes da fundação do seu grupo, ainda no

próprio GCAP. Também trabalhou com crianças no Centro Social Urbano de Pernambués, e com os meninos e as meninas do Projeto Axé. Assim a mestra relata:

"[...] dava aula de capoeira, mas a gente não se via como professora de capoeira, e sim com nossa formação de capoeira. Não sei, acho que desde 87, por aí, já dava aula de capoeira dentro do nosso próprio grupo, uma vez que os mestres viajavam muito e a gente compartilhava o que tinha aprendido. Isto a gente faz inclusive até hoje quando chega alguém novo, então um vai ali para o canto, começa a treinar aquela pessoa, enfim, quando você vê já está dando aula para o grupo inteiro".

Quanto à sua mestria em capoeira, ela responde: "Eu não sei quando me tornei mestra não, mas sei que chegou uma hora que eu não pude mais impedir que as pessoas me chamassem de mestra". Seu nome, Janja, é de família, embora religioso também. Sobre apelidos, ela explica:

"Dentro do meu universo de capoeira, dentro do meu grupo, a gente não tem batizado para receber o nome, então não ganha apelido. Os que têm apelido são os apelidos de "gastação", ou afetivos, mas são apelidos que surgem na convivência".

Quando retorna para Salvador, passa a atuar como coordenadora de Políticas para as Mulheres, da Secretaria de Promoção da Igualdade do Estado da Bahia. Um tempo depois, assume o cargo de professora de concurso para docente na UFBA, atualmente no Departamento de Estudos de Gênero e Feminismo, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. A capoeira também proporcionou à mestra transitar por muitos lugares, cidades, estados e países, inclusive o próprio grupo desenvolve trabalhos e tem núcleos internacionais. Viaja realizando palestras, seminários, cursos e oficinas, além de workshops, levando a capoeira mundo afora.

Em 2001, ampliando as atividades do grupo, formou o Instituto Nzinga de Estudos da Capoeira Angola e Tradições Educativas Banto no Brasil. A entidade atua na pesquisa e difusão das diversas tradições de matriz banto, promovendo ações sociais e educativas, e hoje possui trabalhos em muitas cidades brasileiras e em dez países. Em 2015, publicou o

livro *É Preta Kalunga: A Capoeira Angola como Prática Política entre os Angoleiros Baianos – Anos 80-90*. Sua trajetória é também marcada pela luta pelo fim da violência de gênero.

A capoeira, para Mestra Janja, é um jogo político, um instrumento de luta, espaço para se reinventar, se renovar, lugar de se fazer amigos: “é o meu timão, o meu guidom, é quem me conduz, é a caneta que escreve a minha vida. É tudo que eu não sei, acima de tudo”.

Ela é uma das mestras mais conhecidas no mundo da capoeiragem. Um exemplo de poder de conscientização, mobilização e representatividade feminina na capoeira. Viva Mestra Janja!



MESTRA JARARACA

Valdelice Santos de Jesus

Nascida em 04 de agosto de 1974, no Santo Antônio Além do Carmo, no centro histórico de Salvador, Mestra Jararaca, mulher com espírito sagaz e pioneira, é filha de Antonia Maria dos Santos e Manoel Moreira de Jesus, ambos falecidos, os quais formaram uma numerosa família, composta por nove irmãos/ãs. Desses/as, dois já não estão nesta dimensão.

Dentre os irmãos e irmãs, está a grande Ritinha da Bahia, maneira como a Mestra Jararaca se refere a sua irmã, exímia capoeirista, que iniciou na capoeira angola antes mesmo que a mestra. Elas são as duas capoeiristas dessa família soteropolitana, mulheres negras, com ampla representatividade como líderes na capoeira, para nosso país e mundo. Duas vencedoras pela trajetória que trilharam.

Antes de se tornar a Mestra Jararaca, Valdelice foi uma criança traquina, no sentido de brincar por todo o tempo de sua livre infância, que apesar das dificuldades, deu a ela a oportunidade de ser uma “criança que viveu como criança”. Brincava de bola de gude, de casinha, subia em árvores, brincava com os meninos, andava de bicicleta. Todos os dias assim. Em determinado momento, já por volta de seus 11 anos de idade, tomou gosto por jogar bola, e nada a impediu de fazer isso, nem mesmo as surras que levou do pai, que não a queria fazendo coisas que eram ‘de meninos’. Ela nos conta: “Minha vida era brincar. Sem tecnolo-



gia, mas com tudo que hoje falta para que as crianças possam ser mais crianças do que elas já são. E a vida foi assim”.

Também, aos 11 anos, interessou-se pela capoeira e iniciou o contato com a capoeira angola, no CECA (Centro Esportivo de Capoeira Angola), com o Mestre João Pequeno, com quem sua irmã já treinava. Porém, não deu prosseguimento, porque seu pai não permitiu, novamente argumentando que capoeira era coisa ‘de homem’. No entanto, sua irmã Ritinha não foi impedida de continuar, porque era mais velha.

Ela retorna para a capoeira aos 14 anos, na mesma academia, novamente sob a orientação de Mestre João Pequeno. Foi integrante desse espaço por cerca de cinco anos e meio, quando passou a ser aluna do Mestre Curió, na ECAIG (Escola de Capoeira Angola Irmãos Gêmeos). Mestra Jararaca tem orgulho de sua trajetória na capoeira angola, assim, afirma: “Sem desmerecer a regional, sempre fui angoleira”.

Foi casada por 21 anos, companheira do Mestre Curió, com quem teve dois filhos, José Carlos e Luís Carlos, também conhecidos como Papacapim e Besourinho. Apesar de jovem, ela é avó e tem um casal de neta/o, e não esquece de sua primeira netinha que faleceu. O apelido tão peculiar de Mestra Jararaca lhe foi dado por Mestre Curió, “[...] devido a observações dele quando eu vadiava”.

A mestra nos conta que não agredia ninguém, mas era perigosa e, segundo a avaliação de seu mestre, prepara e solta seus movimentos como o bote de uma cobra, e é muito perigosa. Uma das características marcantes de Mestra Jararaca é a sua boa autoestima, desse modo, ela se reconhece e adora ser chamada de Jararaca: “Eu sou muito perigosa na roda de capoeira, no sentido de ser ágil como uma cobra. E a cobra escolhida é a jararaca, justamente por ser uma das cobras mais perigosa que tem”.

Iniciou sua experiência com aulas de capoeira antes mesmo de receber qualquer título. Ela chegou a obter o título de professora por Mestre João Pequeno, um nome que era usado antes da denominação treinel vigorar no meio das academias de capoeira angola:

“Comecei a dar aula de capoeira, na academia de Mestre João Pequeno. Antes de dar o título, ele botava a pessoa pra dar aulas e observar, dizer aonde que estavam os erros, o que era pra ser feito. Pra pessoa não deixar de passar um movimento ou passar o movimento de maneira errada”.

Na ECAIG, ela também passou a dar aulas em breve período de tempo:

“Saindo de lá, fui treinar com o Mestre Curió, e comecei também, depois de estar desenvolvida na técnica dele, a dar aula, e ele ia me corrigindo, pois os mestres antigamente tinham esse hábito de colocar as pessoas pra ir dando aula e ir orientando também. Algumas pessoas, vindas desses mestres, têm esse hábito ainda.”

Em janeiro de 2001, Mestre Curió a reconhece mestra, assim, ela relata que se tornou a primeira mestra formada em capoeira angola na Bahia, no Brasil e no mundo, pois, nessa época, a capoeira já era expandida para os ‘quatro cantos’ da Terra.

A capoeira angola já levou a Mestra Jararaca para alguns lugares:

“Alguns estados do Brasil e até um país: Equador. Estive em Quito, para uma apresentação com o Mestre Curió, no grupo de um aluno dele. Tive outras oportunidades de ir pra França, Itália, Bolívia, mas infelizmente não era ainda o tempo certo pra ir. Por motivo de tudo ter o seu tempo”.

Mestra Jararaca, como boa angoleira que é, joga também sua angolinha com as palavras. E fala poesia quando partilha o que é a capoeira angola para ela:

“A capoeira angola, pra mim, ela é tudo! É minha vivência diária. É o meu falar, o meu conduzir, é a minha conduta, a minha observação, é humildade pra mim, sabedoria, é tudo que eu consigo sentir e praticar. A capoeira pra mim é como o candomblé, é minha vida. Eu não conseguiria viver sem a minha religião e sem a capoeira angola”.

Ela prossegue com uma importante reflexão, para uma genuína capoeirista, vitoriosa de tantas lutas e herdeira de um legado tão importante:

“Tá sendo difícil na pandemia, pra mim, porque não tenho meu espaço. Não tenho meu espaço ainda! Não tenho como ir olhar uma academia, ou estar lá, limpando, varrendo, organizando, ou estar indo ver uma roda de capoeira, encontrar os mestres,

jogar, cantar e conversar. Isso mexe muito comigo. Eu sinto profundamente a falta da capoeira na minha vida, a falta de treinar, a falta de tocar, de cantar, de ouvir as músicas da capoeira na voz de outras pessoas, de ouvir uma bateria de capoeira Angola. Isso me faz feliz, me faz muito mais jovem. Então a capoeira angola pra mim é vida. É o ar que eu respiro. É a boca que eu como, os olhos que eu enxergo. É tudo pra mim. Até o dia que eu estiver viva, eu vou levar comigo esse amor pela capoeira angola. Por toda a vida e eternidade”.

O desejo dela é que suas palavras e história tenham um efeito de contribuição. E espera que sua biografia contribua muito para as pessoas que estão na capoeira angola agora e “também para outras pessoas que estão vindo, que ainda virão para a capoeira. Que essas palavras cheguem muito mais longe que nós podemos imaginar!”.

***Coisa de mestra a gente escuta,
contudo, é ainda mais que para
escutar... é para aprender!
Viva Mestra Jararaca!***





MESTRA LENE

Lucilene Lopes da Silva

Nascida em 27 de maio de 1965, em Icoaraci, distrito de Belém, no estado do Pará, Mestre Lene é filha de Valdomiro Batista da Silva (in memoriam) e Dona Marcelina Lopes da Silva, a Dona Maçú. De família numerosa, com oito irmãos/ãs, ainda assim conseguia um tempo extra para fazer as atividades escolares e ir brincar de capoeira.

Aprendeu a gingar ainda criança, com os seus irmãos Walcir, Waldomiro e Walmir, no quintal da sua casa, que ficava na Rua Nova, bairro da Sacramenta. Tem como mestre o seu irmão Mestre Walcir, com quem começou a dar os seus primeiros passos. E, mais tarde, os seus irmãos foram brincar com outros garotos, como Rui (in memoriam) e Lino.

Na comunidade de Quarubas morava o senhor Milton Teixeira, um técnico em eletrônica que consertava rádios e televisores. Sempre que ele caminhava pelas ruas, percebia um fluxo de crianças jogando capoeira e com o berimbau em mão, então ele sentiu a necessidade de acolhê-las, e foi no quintal de sua casa que passaram a acontecer os treinos de capoeira. Apesar de não ser capoeirista, ele conseguia uniformes para os integrantes e lá aconteciam os treinos, as rodas e, no final do ano, o batizado.

Quando havia eventos de capoeira nesse espaço, que ficava num bairro distante da casa dela, os seus irmãos iam bem cedo para ajudar nos

afazeres, e ela só ia mais tarde, acompanhada de suas irmãs, porque o trajeto era perigoso e sua mãe temia que o pior acontecesse. Ela teve dois filhos, Leandro, hoje com 32 anos, e Leonardo, com 30 anos. É avó de Fernanda, Livia e Maria Letícia. Mesmo com os filhos ainda pequenos, conseguia se esquivar dos afazeres domésticos e seguia gingando na roda da vida.

Mestra Lene ministrou aula de capoeira com mais dois monitores, Adalberto e Adailton, no Colégio Estadual Erotildes Frota Aguiar, no Pará. E foi nesse local que a adquiriu autonomia, passando a ensinar em períodos diferentes, em diversas turmas. Suas irmãs são professoras, e ela seguiu a área da saúde, chegando a cursar enfermagem, porém, não deu seguimento à profissão, dedicando-se exclusivamente à capoeira.

Participou de um campeonato pela Federação de Capoeira, à qual a Associação de Capoeira Senzala era filiada. Foi preciso disputar esse campeonato no estado do Pará para, em seguida, poder participar do Campeonato Brasileiro, em Brasília, quando obteve o 1º lugar.

Foi nesse evento que ela conheceu Mestre Pelé da Bomba, seu atual marido. Com isso, foi morar em Salvador com seu companheiro e passou a fazer parte da Associação de Capoeira Angola Mestre Pelé da Bomba, ocupando atualmente o cargo de vice-presidente. No auge dos seus 52 anos, em 2017, Mestre Pelé da Bomba concedeu-lhe o título de mestra e, nesse mesmo ano, ela viajou para o Pará, onde o seu irmão, o Mestre Walcir, tornou a reconhecê-la como mestra. Apesar da sua trajetória nas rodas de capoeira, relata que nunca teve o devido valor:

“Quando eu era contramestra as pessoas contratavam o mestre Pelé da Bomba para viajar e eu ia como acompanhante, recebendo uma ajuda de custo, porque você sabe que a nossa cultura não é valorizada”.

Começou a ministrar oficinas de capoeira junto ao seu mestre, em Minas Gerais, Porto Alegre e Belém do Pará, ampliando a sua visão no meio capoeirístico. Recebeu alguns prêmios, como o da Valorização e Reconhecimento pela Federação de Capoeira da Bahia (FECABA), e o prêmio Berimbau de Ouro, realizado pelo Mestre Máximo, em 2015.

Atualmente, a capoeira tornou-se uma fonte de renda. Ela realiza seminários, oficinas, aulas e eventos, mas sempre sob a supervisão do seu

mestre. Nunca teve medo de jogar capoeira e sempre aceitou os golpes e as rasteiras, só que, no momento oportuno, procurava revidar. Para a mestra, o capoeirista precisa encarar o jogo de “cabeça fria”, aguardando “a hora certa”.

Nas rodas de capoeira que aconteciam na Associação Brasileira de Capoeira Angola (ABCA), na qual também assume a vice-presidência, ela sempre procurava jogar, cantar e tocar. E é nesse gingado da vida que consegue ser mãe, capoeirista e empreendedora, buscando sempre a sua valorização e reconhecimento.

Mestra Lene também é uma grande artesã, faz toucas de crochê, roupas, entre outros adereços, servindo de inspiração para outras mulheres que passam pelo Pelourinho e valorizam suas artes. Durante sua trajetória, observava muitas mulheres “levando o côro” e batendo palmas, ela ia tentando se doar para a capoeira, buscando melhorar a cada dia. Pelo fato de ouvir mensagens negativas sobre o posicionamento da mulher na capoeira, era aí que procurava o seu empoderamento; chegou a comprar os seus instrumentos e começou a treinar os toques e cantos.

Hoje, possui uma turma de capoeira no bairro Valéria, em Salvador. Trata-se de um projeto que acolhe crianças e adolescentes que passam por situações de vulnerabilidade social. Sua proposta é reduzir o tempo ocioso de seus alunos através da prática da capoeira, levando a cultura para quem mais necessita. Com isso, a capoeira vai tomando o conceito familiar, e os alunos serão os mestres no futuro e darão continuidade ao seu trabalho. Os integrantes desse projeto constantemente estão no Pelourinho, participando de forma ativa dos eventos da ABCA, como o desfile do Dois de Julho, o aniversário do Mestre Pastinha, entre outros.

Em seu percurso, ministrou oficina de capoeira angola em diversos estados do Brasil, e apesar de nunca ter viajado para exterior, já recebeu convites para participar de eventos lá fora. Contribuiu de forma significativa com os workshops de capoeira angola que são realizados na ABCA, e recebeu menção honrosa em reconhecimento aos relevantes serviços prestados à sociedade baiana através da capoeira, além do prêmio World Top pelos inestimáveis serviços que colaboram para elevação do nome da capoeira, ambos em 2019.

Mestra Lene agradece ao seu companheiro Mestre Pelé da Bomba por mostrar que a vida é um dom divino, que ao cantar produz encanto, e que ao ensinar a capoeira se ensina para a vida, e quando toca o berimbau, toca o coração.

*Uma história merecedora de ser conhecida e respeitada.
Viva Mestra Lene!*



MESTRA NANI DE JOÃO PEQUENO

Cristiane Santos Miranda

Nascida em Salvador, em 02 de junho de 1983, Mestra Nani de João Pequeno é filha de Carlos Luiz Miranda e Benigna Santos Miranda. Foi educada por seus avós maternos depois da separação de seus pais, logo após seu nascimento. Sua avó, Edelzuita Rosa de Jesus, dona Mãezinha, e seu avô João Pereira dos Santos, um grande e reverenciado mestre da capoeira angola, João Pequeno, cuidaram não apenas da menina Nani, mas também de seus irmãos e irmã por parte de mãe, Bujão, Bibio e Kika, que ainda pequenos se juntam à família em Fazenda Coutos, periferia de Salvador, local onde vive até hoje e dá seguimento ao trabalho iniciado por seu avô.

Mestra Nani criou, em parceria com discípulos do seu avô e mestre, o Projeto Pequenos de João, na Casa Cultural onde essa jovem e experiente mestra de capoeira angola exerce seu papel de educadora e perdura os ensinamentos de seu avô. Ela recorda que seus irmãos foram inseridos na capoeira angola por seu avô, entendendo que esse era um desejo pessoal do mestre, que apesar de ter muitos filhos homens, apenas sua filha, a Benigna, sobreviveu.

Apesar de não ter sido impedida de praticar a capoeira, percebeu logo cedo a aposta de seu avô na transmissão desse saber para seus irmãos.



Contudo, quando, em 1995, o Mestre João Pequeno inaugura seu espaço em Fazenda Coutos (pois já liderava a academia no Forte de Santo Antônio), ela percebe uma oportunidade de estar perto de seu avô, pois este era um homem que viajava muito, mas era muito carinhoso em casa.

Assim que iniciou as aulas de capoeira angola, Nani, aos 12 anos, decidida a praticar, aproveitou o conhecimento de seus irmãos mais novos, que treinavam com maior frequência, para aprender rápido e com muita dedicação as sequências de movimentos ensinadas pelo mestre: “Em seis meses treinando capoeira angola, eu já reproduzia certinho a sequência de movimentos. Eu queria aprender logo”.

O fato de o avô viajar muito e a dificuldade de manter como professores do espaço em Fazenda Coutos, os professores da academia do Forte, por causa da distância, fizeram com que seu avô começasse a ensiná-la a movimentação a ser aplicada nos treinos:

“Com quase um ano, meu avô me coloca para reproduzir os treinos dele. Uma pessoa que veio logo treinar aqui foi a Nildes Sena. Ela é um fruto desse desenvolvimento também. A partir d’aí é que eu começo ir pras rodas, pra academia”.

Nem mesmo a gravidez precoce a impediu de continuar. Ela foi mãe de Gustavo aos 17 anos, mas continuou, foi para a universidade e conseguiu se formar em educação física. Ao refletir sobre essa formação, ela diz que isso a ajudou em sua organização pessoal, afinal, “[...] pra entender o princípio, é preciso entender o que acontece hoje também, pra gente poder manter a ancestralidade, pra gente não se perder”. Hoje, é mãe também de João Santos e Gustavo Miranda, que lhe ajudam com o trabalho na Casa Cultural, onde dá continuidade ao projeto Pequenos de João.

Mestra Nani tem apoiadores/as. Com os/as discípulos/as de seu avô e mestre, ela dá continuidade ao memorial que é o CECA (Matriz-Salvador), no Forte, hoje Forte da Capoeira. A sua família também contribuiu muito para dar continuidade a essa memória. Seguindo os ensinamentos de seu avô, ela afirma:

“[...] a capoeira é uma filosofia de vida, ela me completa, me orienta, me instrumentalizou para ter direito de fala, de formação, ter direito a ser cidadã, mulher, capaz e capacitada, podendo trabalhar com a educação dentro e fora de casa”.

A capoeira deu à Mestre Nani dignidade, autonomia e formação. Ela prossegue dando lição, como herdeira de quem é: “Ninguém pagou minha formação. A capoeira angola me deu. A oportunidade que a vida me deu de ter sido criada por um mestre”. Sempre que possível, busca dizer às crianças, jovens e alunos/as que teve a felicidade de ter um/a mestre/a em sua casa e que eles também precisam reconhecer os/as mestres/as que têm em seus lares. Dessa maneira, valoriza a possibilidade de ter passado a conhecer os/as mais velhos/as a partir da roda de capoeira angola.

Nesse espaço, ela entendeu que “[...] pra eu estar aqui, eles tiveram que construir, tiveram que estar aqui primeiro”. Mestre Nani chama atenção ao fato de não ter escolhido ser neta de um mestre. Entende que isso foi algo que a vida lhe deu, e quanta oportunidade ela enxerga nisso:

“Eu poderia ser simplesmente uma jovem sem estudo, cheia de filhos, trazendo dificuldades para minha vida, o que muitas vezes é a realidade aqui. Eu luto muito pra mudar essa realidade da minha comunidade. A gente precisa fazer valer a oportunidade de ter sido filho/a, neto/a de alguém”.

Ela prossegue consciente de seu caminho e plena de gratidão: “Eu agradeço muito a meu avô a oportunidade de ser uma educadora, antes de qualquer título”. Sua mestria na capoeira ocorreu em 2018, e quem faz o reconhecimento é o discípulo do Mestre João Pequeno, o Mestre Ciro Lima, na presença do Mestre Roberval.

Quanto a seu apelido, este vem de seu nome Cristiane/Nani. Todavia, ela recorda com carinho de ser chamada de Dinga apenas por seu avô, um apelido que sua mãe também recebeu do mestre. O fato de hoje ser conhecida como Nani de João Pequeno surgiu quando uma amiga a ajudou a criar seu primeiro e-mail e escolheu “nanidejoapequeno”, a fim de que ela pudesse se comunicar melhor para cuidar da agenda de seu avô.

Com a capoeira angola, viajou por cidades de diferentes estados do Brasil e, também, realizou viagens internacionais. Em sua bagagem está

a partilha de seus conhecimentos com praticantes de capoeira angola de Portugal e da França, convites que recebeu e aceitou sempre com alegria e responsabilidade.

Mestra Nani enxerga a grandeza do legado que hoje cuida e lidera, assim como foi cuidada e preparada pelo grande líder que foi seu João Pequeno de Pastinha. Hoje, seus irmãos já não praticam mais a capoeira, mas ela segue atuante, afirmando o seguinte:

“[...] sou uma educadora com a consciência que minhas alunas e meus alunos precisam ter dignidade, ser cidadãs e cidadãos, ser ouvidas/os. O que mais vale pra mim foi o que meu mestre conseguiu me dar: a oportunidade de estar com os mais velhos e as mais velhas, a oportunidade de ter conhecido e conhecer. Aproveito a oportunidade de ser neta dele para aprender, de ter acesso aos mestres através do meu mestre, estar com os/as mais velhos/velhas e aprender. Mas a minha realidade é como a de muitas jovens que vêm da periferia: uma realidade social difícil”.

**Grandes histórias devem ser exemplo. Esta é uma delas!
Viva Mestre Nani de João Pequeno!**





MESTRA NENA

Luciene Maria de Lima da Silva

Nascida em 10 de dezembro de 1976, em Feira de Santana, cidade conhecida como Princesinha do Sertão, localizada no interior da Bahia, Mestra Nena é filha de Francisco Luiz de Lima e Maria Benedita de Lima, uma família bastante numerosa, formada por nove irmãos/ãs. Foi sua irmã, que começou a praticar a capoeira antes dela, a sua maior incentivadora. A origem de seu apelido se deu na infância.

Em meados de 1982, com apenas 7 anos, Mestra Nena começou a apreciar a capoeira. Ela pôde assistir a uma aula na qual a sua irmã fazia parte e se encantou pelos movimentos e pelos toques, ritmos e sons que saíam dos berimbaus, ficando apaixonada, despertando o desejo de fazer uma aula experimental.

Nesse dia, a aula foi ministrada pelo Mestre Keu, sendo bastante proveitosa, a ponto da capoeira passar a fazer parte da vida dela. Nessa época, Mestre Nonato - Raimundo Nonato Barbosa (*in memoriam*) - era quem liderava o grupo, Gerson de Jesus Cruz, o Mestre Keu, era seu aluno mais velho. Atualmente, o grupo tem o Mestre Dozinho e Mestre Roque, que foram formados anteriormente a ela.

Mestra Nena é casada e mãe de um menino de 5 anos, Samuel. Ele também é capoeirista e faz parte do Grupo São Francisco, instituição que não tem uma denominação específica entre angola e regional, pois

considera apenas a nomenclatura capoeira. O seu mestre costumava usar o termo anglonal ou angloreional, e praticava os dois estilos de capoeira.

Ela começou a dar aulas na sua maioridade, pois no seu grupo a formatura se dá somente após os 18 anos. Como Mestre Nonato tinha dificuldade de movimentação por conta de um problema de saúde, ela sempre o acompanhou durante as aulas para realizar a demonstração dos movimentos, assim, sentia-se muito grata por poder ajudá-lo.

Ministrou aula no Grupo São Francisco e no Centro de Cultura Amélia Morim, onde realiza esse trabalho até hoje. A sua mestria foi concedida no dia 23 de maio de 2011. No balanço da ginga e na cadência do atabaque, a mestra pôde expandir essa arte cultural para outros estados, como Espírito Santo, Goiânia e Brasília. Também recebeu o convite para divulgar a capoeira fora do Brasil, porém foi em um momento que ela estava estudando e deixou essa viagem para uma outra ocasião.

Para além das aulas de capoeira, Mestra Nena também realiza oficinas, com seriedade nos seus posicionamentos e compromisso com o trabalho que desenvolve, pois para ela “[...] aquilo que a gente recebeu, a gente dá, e a gente só dá o que tem”. Em Feira de Santana existem muitas mulheres difundindo a capoeira de forma esplêndida, “[...] mas enquanto mestra só tem eu. Espero que em breve chegue outras para somar”, relata a mestra Nena.

Nessa cidade, ocorre um bellissimo encontro feminino organizado pela formada Gaza, aluna do Mestre Gago, que visa enaltecer o protagonismo feminino no universo da capoeira, através da troca de experiências, sendo que esse encontro é realizado tanto na Bahia como em outros estados. A capoeira passou a ser a razão de viver para Mestra Nena, assim como diz a música “sem capoeira eu não posso viver/ Sou peixe fora do mar/ Passarinho sem voar/ Dia sem escurecer...” . É a capoeira que a leva à plenitude. Se lhe tirarem a capoeira, faltará alguma coisa a ela, tornando-a incompleta.

Mestra Nena segue sua trilha jogando conforme a cadência do berimbau, já não teme vento forte e é consciente da importância de incentivar outras mulheres a serem mais confiantes. Como afirma, “Mulheres, sejam fortes, resistentes e persistentes. Sonhem e continuem sonhan-

do. Não desistam dos seus sonhos em relação à capoeira, pois ela é real e todas podem alcançar o seu objetivo. Basta lutar para sentir o sabor da conquista”.

***Belo exemplo de consciência,
responsabilidade e amor à
capoeira!
Viva Mestra Nena!***



Letra da música do Mestre Charm. Ele coordena a Abadá Capoeira em Goiás.



MESTRA PATRÍCIA

Patrícia Mascarenhas Fernandes

Nascida na Bahia, na cidade de Salvador, em 23 de setembro de 1970, Mestra Patrícia é filha de Maria Auxiliadora Mascarenhas Fernandes e Albenzio Fernandes. É a caçula de quatro filhas/os, duas mulheres e dois homens gêmeos. Viveu uma infância em um momento em que a rua era o espaço de brincar, dessa forma, perdia-se entre brincadeiras e amigos.

Na escola, já na adolescência, em 1986, aos 15 anos, acontece seu encontro com a capoeira, sob motivação de sua mãe. Mestre Ferreira (na ocasião, professor) foi quem lhe ensinou a gingar e, até hoje, a Mestra Patrícia tem orgulho de ser sua aluna e integrante do Grupo Urucungo, fundado em 1989. Ainda iniciando sua prática, foi fisgada pela capoeira e logo buscou outras experiências para além da escola, foi quando teve uma passagem pelos ensinamentos do Mestre King Kong, experiência que a levou a conhecer as rodas de rua e festas de largo.

Ao retornar a sua capoeira de origem, com Mestre Ferreira, torna-se uma grande incentivadora da entrada de mulheres nos treinos de capoeira e, em pouco tempo, as meninas tornam-se grande maioria no grupo. Segundo a mestra, o grupo Urucungo ficou conhecido como aquele no qual as meninas jogavam muito na época. Nesse período, já conhecia os redutos mais frequentados da capoeira e marcava presença com assiduidade, como a Academia do Mestre João Pequeno, a roda

dos Meninos da Ilha no Mercado de Mar Grande (Mestre Medicina), roda do Mestre Virgílio da Fazenda Grande, Mercado Modelo, Terreiro de Jesus, entre outras.

Em casa, escutava histórias de seu pai, que foi aluno de Lourimbau, o Homem Mau. Na ocasião, as histórias pareciam mais lendas que realidade, e só anos mais tarde comprovou a existência do mestre. A mestra lembra que, no final da década de 80 e início da década de 90, passou a frequentar as casas de show folclórico de Salvador, entre elas, Moenda, na Boca do Rio, Solar do Unhão, com Mestre Dinho, Tenda dos Milagres, em Amaralina, e no Alto de Ondina. Havia um momento do show que a adolescente Patrícia aguardava ansiosa, era quando eles convidavam a plateia para jogar. Ela subia e jogava, às vezes, o pau quebrava ali no palco, achavam de resolver desvantagens de outras rodas, era quando o show deixava seu lado ensaiado e passava a realidade da capoeira.

Nesse momento, a capoeirista Patrícia conhece Mestre João Grande, na Moenda, onde ele fazia show. Durante o dia ele trabalhava no posto de gasolina em Ondina, perto de onde ela estudava, e no final da tarde, quando ia embora, muitas vezes pegava o ônibus com ele. Ela recorda que ele andava com o berimbau cheio de fita do Senhor do Bonfim, todo colorido, era o berimbau que ele usava no show. Tinha uma rotina de sair do posto e já ia direto para a Moenda, emendava um trabalho no outro. Ela observava que ele era um senhor e ficava até a madrugada, e como ele era a grande atração, praticamente fazia o show todo: jogava capoeira, dança dos orixás, sambava e dançava Omolu lindamente. Ela relata que, quando ele foi para os Estados Unidos, foi um descanso para ele, além de um reconhecimento.

Mestra Patrícia lembra que, em sua época de aluna formada, em 1991, o aluno formado tinha uma importância muito grande, hoje, infelizmente, essa graduação se perdeu. A sua formatura foi um evento muito grandioso, veio gente do Brasil todo, momento em que o grupo estava muito próximo ao Mestre Bobó. Ele foi o padrinho desse evento e ficou muito feliz. Nesse momento apresentava uma condição bem frágil e doente. Nesse dia, muita gente da capoeira angola estava presente, parece que foram para se despedir dele. A relação de cuidado com o Mestre Bobó marca a história dela, pois quase que diariamente passava em sua casa no Dique Pequeno para saber de sua saúde e bater papo.

Como aluna formada, começou a se interessar em dar aula para crianças, uma vez que seu Mestre Ferreira tinha como foco adultos e adolescentes. Assistia às aulas de Mestre Daltro, ficava lá no cantinho observando tudo. E logo começou a colocar em prática com as crianças nas escolas. Mais tarde, passou a ensinar a adultos em um clube da cidade, esse foi um momento muito importante para ela, foi quando assumiu um espaço sozinha, além das escolas. Ela conta que era comum chegarem pessoas procurando quem era o professor e se surpreendiam quando ela se apresentava, isso em 1992, quando não era comum ter mulheres liderando turmas de capoeira. Nesse processo, ela realizou seu primeiro batizado em 1994.

Através da Bahiatursa, fez uma turnê de capoeira em 1995, pelo Reino Unido, quando conheceu várias cidades por meio de uma companhia de dança. A turnê durou vinte dias, e essa foi uma experiência que também marcou sua vida. Mais tarde, viajou para Barcelona, passou um tempo por lá, com intuito de estudar, já que sua formação inicial era em turismo, mas também daria aula de capoeira. Conseguiu se estabelecer, apesar das dificuldades, e logo começou a ministrar aulas para crianças e adultos, em 1998. Ao retornar de Barcelona, estava um pouco afastada do seu mestre, conseqüentemente, afastou-se um pouco do cenário da capoeira. Mais tarde, Patrícia se torna mãe, além de fazer uma nova graduação, dessa vez em psicologia.

Ela cria a OCA - Oficina de Cultura e Arte - e passa a desenvolver um trabalho com crianças, utilizando a capoeira como uma das ferramentas propulsoras do desenvolvimento e da formação. Fora do cenário da capoeira, sem frequentar as rodas, deu espaço a comentários de que ela tinha parado a capoeira por não estar presente no circuito convencional de rodas e batizados, no entanto, ela continuava trabalhando com a capoeira em outra perspectiva, estando muito contente com seu trabalho e seus resultados.

Quando tinha uma horinha vaga, aproveitava para treinar com seus amigos e camaradas. Mais tarde, ela fez questão de retornar ao convívio da capoeira e, a partir de 2014, consegue unir suas duas formações, a capoeira e a psicologia e, desde então, vem promovendo uma formação para capoeirista que tem sua prática com criança. Esse projeto tem se constituído como um importante espaço de reflexão sobre a singularidade da capoeira e o público infantil. A mes-

tra se diz defensora da capoeira na escola, afirmando, ainda, que ela é resultado desse processo.

E foi em 2015 que ocorreu sua formatura de mestra de capoeira, concedida pelo Mestre Ferreirinha.

Mestra Patrícia é uma mulher à frente de sua época. Que sua história sirva de inspiração para diversas gerações que continuam lutando por seus direitos na roda da vida. Viva Mestra Patrícia!



MESTRA PAULINHA

Paula Cristina da Silva Barreto

Nascida em 30 de junho de 1963, na cidade de Vitória da Conquista, na Bahia, Mestra Paulinha é filha de José Celestino da Silva e Sebastiana Menezes Pereira. Tem duas irmãs, dez sobrinhos/as, dois sobrinhos-netos/as; e nenhum deles seguiu o caminho da capoeira. O seu esposo também é capoeirista, conhecido nesse universo como Mestre Poloca.

Vivia em Vitória da Conquista com sua mãe, Sebastiana, sua avó, Esther, e com duas irmãs, Celeste e Lourdes, e em contato com tias e primas da família de sua mãe. Dona Nininha, como era conhecida, era uma mulher pobre, com pouca instrução, parda, e o seu pai, José, era um homem branco, farmacêutico, 30 anos mais velho que ela, cuja família era de classe média e alta, residente em Salvador.

Quando Paulinha e sua irmã mais velha estavam em idade escolar, seu pai as trouxe para morar com ele em Salvador, para estudar em um colégio particular de propriedade de alguns de seus familiares. Ela começou a fazer aulas de capoeira em 1982, no Grupo de Capoeira Angola Pelourinho - GCAP, em Salvador, tendo como mestres Moraes, Cobra Mansa e João Grande. A mestra lembra como tudo começou: "eu estava com 19 anos e começando minha vida como estudante universitária na Universidade Federal da Bahia - UFBA, onde cursava Ciências Sociais".

No final da década de 1990, Mestre Paulinha foi residir em São Paulo por quatro anos, enquanto cursava o doutorado na Universidade de São Paulo - USP, e Mestre Poloca a acompanhou. Nesse período, ajudaram a consolidar o Grupo Nzinga, em São Paulo, fundado em 1995 por Mestre Janja.

Seu apelido (Paulinha) surgiu por ser muito magra, quando era jovem e já discípula de capoeira. Começou a dar aulas quando estava no GCAP. E, mais tarde, continuou a dar aulas no Grupo Nzinga, à medida que os diversos núcleos foram criados. Mestre Paulinha já visitou muitas cidades e países para participar de eventos de capoeira, ou outros eventos que tratavam do tema. A sua primeira viagem internacional, em 1995, foi para os Estados Unidos, quando fez parte da comitiva de integrantes do GCAP, liderada por Mestre Moraes. E não parou mais...

Ela foi reconhecida como Mestre pela comunidade da capoeira em meados dos anos 2000, quando atuava no Grupo Nzinga de Capoeira Angola, em razão da sua trajetória em defesa da capoeira como arma forte na luta antirracista e feminista, no Brasil e na diáspora. Ouçamos a mestra:

“A prática da capoeira angola (o único estilo que eu pratiquei) é libertadora no sentido de nos fazer pensar e rever tanto a história quanto os problemas sociais, e de nos fazer crer nas possibilidades infinitas que temos de superação e de aprendizagem. E o melhor da capoeira é que a sua prática requer a convivência com outras pessoas, fazendo com que estas se comuniquem, dentro e fora da roda de capoeira, respeitando as diferenças que existem entre elas”.

A Mestre Paulinha tem seu protagonismo marcado pela luta antirracista e feminista. Que a sua história incentive outras mulheres na capoeira a levantarem essa e outras bandeiras sociais. Viva Mestre Paulinha!





MESTRA PEQUENA RASTA

Sueli Merice dos Santos

Nascida em 27 de janeiro de 1976, em Santo Antônio de Jesus, é filha de José Francisco dos Santos e Maria Zulmira de Jesus, família formada por dez irmã/ãos, todas/os capoeiristas, indicando a relevância e participação da capoeira na cultura do Recôncavo Baiano. Sua iniciação se deu em 1988, aos 12 anos de idade. Seu mestre, desde então, é o Mestre Gabriel, e sua participação na Associação de Capoeira Africana nunca se encerrou. Hoje, é uma de suas maiores representantes.

O Recôncavo Baiano é berço para a capoeira, uma região extremamente presente na história do 'nascimento' desse país. Seus descendentes são remanescentes de um tempo que ainda reflete em tudo que são. Contra uma lógica colonial que implantou o racismo estrutural como sua marca, sempre houve lutas e resistência por parte da cultura popular, a qual respondeu com estratégia, fina inteligência e prática humanitária. Esse é o espaço onde Mestra Pequena Rasta desenvolveu-se enquanto capoeirista.

E nesse contexto, visibilidade e divulgação são fundamentais para ações mais certeiras de acolhimento daqueles que são subjugados culturalmente. Assim, Mestra Pequena Rasta tornou-se uma excelente representante de sua importante região, Santo Antônio de Jesus. Lá, atua com afinco e persistência em ambas as áreas, urbana e rural, sendo

uma excelente representante do que podemos aprender com e admirar em uma mulher do interior, preta e capoeirista.

Ela é uma praticante de capoeira regional e obteve seu reconhecimento como mestra em 27 de julho de 2010, sendo considerada a primeira do Recôncavo Baiano. Seu apelido de capoeira tem origem na infância, e este se refere ao seu tamanho, sua baixa estatura, contudo, é uma mulher de enorme poder de atuação. Ministra aulas de capoeira desde 1997, 9 anos após ter iniciado sua firme trajetória. É solteira e tem um filho, também capoeirista, a quem considera um grande companheiro.

Mestra Pequena Rasta conheceu muitas cidades e estados brasileiros através da capoeira. Dentre eles, um que marcou sua vivência foi o Ceará. Quando fala sobre a capoeira, ela expressa a própria experiência de seus ancestrais: “Capoeira significa minha vida!”. Ela pontua importantes aspectos de mais uma vida de envolvimento e dedicação à capoeira: “Eu vivo e respiro ela. Todos os dias”.

Além disso, destaca o potencial de transformação social da capoeira quando lembra que, por meio dela, mudou sua própria vida e a de muitas outras pessoas. A mestra é conhecida por ser excelente cantadora de capoeira e tocadora de berimbau. Compõe e já gravou CD com sua potente musicalidade. Sua voz é mensageira de uma forte ancestralidade e demonstra essa conexão quando reflete sobre sua relação com essa cultura hoje em dia: “Para mim, ela é luz!”.

Mestra Pequena Rasta compartilha seu ponto de vista e afirma, a partir da observação do seu dia a dia, que a capoeira é um esporte e cultura que muda vidas.

Ela é uma fonte de inspiração e habilidosa capoeirista, merecendo ter seu legado conhecido. Viva Mestra Pequena Rasta!

MESTRA PREGUIÇA

Cleonice Damasceno Silva

Nascida em Salvador, em 28 de março de 1976, Mestra Preguiça é filha de Maria José Damasceno Silva e Edson Mendes da Silva, família formada por seis irmãos/ãos, sendo a única capoeirista da família. É conhecida por esse nome na capoeira regional pela expressão flexível de seus movimentos. Primeira mestra charangueira (lenço branco) da Filhos de Bimba Escola de Capoeira, tendo obtido seu reconhecimento em 2010. No entanto, antes disso, ela já era chamada de mestra pela comunidade.

Sempre foi praticante de capoeira regional, tendo iniciado a prática em 1987, aos 11 anos, com Mestre Bozó, com quem treinou até 1989. A partir de 1990, passa a ser discípula de Mestre Nene, integrante ativa da Filhos de Bimba, escola onde, também, começou a dar aulas em 1994. Ela é mãe de dois filhos e seu companheiro é Manoel Nascimento Machado.

Habilidosa e firme em sua ação na roda da capoeira, ela nos conta sobre uma infância feliz:

“[...] fora do horário da escola, andava de carrinho de rolimã, patinete, joguei bolinha de gude, empinei arraia, pulei amarelinha, garrafão, baleô, elástico. Fiz tudo que os meninos faziam. Participei das quadrilhas nas festas de São João!”



Dentre tantas boas memórias, ela destaca as férias na Ilha de Itaparica, onde ia com o pai, e comenta que aquela era uma época bem diferente da atual, pois “[...] nem tínhamos acesso à internet e grande parte dos nossos brinquedos eram construídos por nós mesmos”.

A capoeira oportunizou à Preguiça uma jornada de participação em eventos nacionais e internacionais. Conhece, por meio da capoeira, várias cidades no Brasil, e países como Itália, França e Alemanha. Também viaja com frequência para diversas cidades nos Estados Unidos. Em todas essas viagens, ela inspira capoeiristas e repassa seus conhecimentos sobre capoeira regional.

Para a mestra, a capoeira pode se expressar de várias formas, e é a sua filosofia de vida: “Tudo que eu tenho vem dela”. Quem conhece Mestra Preguiça se encanta pela sua competência técnica e plástica, admira sua objetividade no jogo. Ela é o resultado de muita dedicação e talento, expressa autoconfiança e a velha sabedoria daquelas pessoas que falam pouco, mas que espalham grande conhecimento.

Uma autêntica capoeirista, além de importante representatividade na preservação e ensino do legado da capoeira regional. Viva Mestra Preguiça!





MESTRA RAQUEL

Raquel Cordeiro Leite

Nascida em 1968, em Bom Jesus da Lapa, Mestra Raquel é filha de pai cearense e mãe paraibana, que se conheceram em uma das tradicionais romarias que atrai para o município gente de todo o Brasil. Essa mulher de vanguarda é neta de um paraibano que se instalou na cidade, com o ofício de mascate (vendedor ambulante), fez carreira na política e conquistou o cargo de prefeito. Lá, sua mãe constituiu família e, dentre seus sete irmãos, apenas Raquel trilhou o caminho da capoeira.

Ela entrou em contato com a capoeira no início dos anos 80, por volta dos dezessete, dezoito anos, quando trabalhava na Secretaria de Turismo da cidade e conheceu seu mestre e companheiro de vida, Josafá Alves de Oliveira, o Mestre Fazinho. Ele é pai de seus quatro filhos, Ravi, Mahatma Indiane, Indira e Bianca Saíra. Ele havia chegado de Santo Amaro e defendia a capoeira de modo firme, buscando abrir caminhos para estabelecer seu trabalho, numa época em que a capoeira era muito marginalizada ainda.

Ao assistir a uma apresentação de capoeira, Mestra Raquel se encantou e iniciou seu caminho inseparável dessa cultura, cuja função principal em sua trajetória foi a transformação social e criação de oportunidade de outra realidade para muitas crianças, que nos anos 80 enfrentavam a grande desigualdade social da região, perambulando e pedindo nas ruas, contando com os numerosos romeiros que chegavam constan-

temente a esse local de fé. Assim, transgredindo a expectativa da sociedade vigente na época, com poucas companheiras, ela iniciou sua prática. A mestra lembra que elas foram muitas vezes tachadas de 'piriguetes'.

Ao se envolver com o Mestre Fazinho, a relação com sua família se tornou conflituosa e, ao engravidar de seu primeiro filho, Ravi, hoje contramestre de capoeira, partiu sozinha para Santo Amaro em busca de maior dignidade para suas escolhas. No entanto, a vida no local era difícil, e a jovem Raquel retornou a Bom Jesus da Lapa para se unir de vez a Fazinho e, juntos, com espírito de companheirismo, enfrentaram muitos desafios.

Uma das fontes de renda do casal era realizar rodas de capoeira em feiras, em regiões vizinhas, onde arrecadavam dinheiro a partir do público que assistia; outra fonte foi a habilidade de fazer berimbaus para vender nas lojas de artesanato e lembranças locais que recebiam turistas, principalmente em épocas de romaria.

Aos poucos, a família de Raquel foi compreendendo sua opção e as relações começaram a se refazer. A mestra já não era mãe apenas de Ravi quando, em determinado momento, receberam uma ação de despejo para desocupar o espaço público onde moravam e desenvolviam o trabalho com a capoeira. Depois de certa luta na justiça, eles conseguiram um terreno, iniciaram a construção do ponto de cultura que hoje lideram através da Associação Lapense Ginga Bahia, idealizada por esse casal companheiro. Nada foi fácil, mas tudo valeu a pena, na avaliação da mestra.

Ela começou a dar aula na academia e criou gosto pelo ofício, a partir do recebimento do cordão de monitora que recebeu no início dos anos 90. Sobre aquele momento, ela afirma:

"[...] comecei a buscar conhecimento, comecei a me pronunciar. Eu ia pra evento em que eu percebia que as esposas dos mestres basicamente faziam tudo no evento. O evento era comandado por elas e durante o evento não tinha nem um muito obrigado a elas. E eu comecei a levantar a bandeira dessa questão...de falar. De valorizar a mulher que está nos bastidores. Ela tem que ser vista".

Com esse posicionamento, Mestra Raquel despertou essa consciência em muitos grupos que hoje a agradecem por ela ter ajudado a tirar esse véu de não perceber que homens líderes de grupos de capoeira, na maioria das vezes, não davam visibilidade para suas atuantes companheiras.

Sua associação e parceiros de grupos realizaram muitos eventos pioneiros em Bom Jesus da Lapa. Fizeram 24 horas de capoeira e depois 12 horas de capoeira na cidade. Os primeiros eventos ocorreram em 1987 e 1990. Realizaram eventos nos quais aconteciam batizados na praça e também a inclusão de outros grupos culturais. Ela tem consciência de que sua atuação e a de Mestre Fazinho serviram como inspiração para muitos grupos.

Hoje, Mestra Raquel já está prestes a realizar a segunda edição do Lê Capoeira, uma proposta que une mulheres capoeiristas em Bom Jesus da Lapa para, juntas, jogarem, tocarem, se conhecerem e aprenderem suas histórias, criando empatia por suas dificuldades e conquistas. A primeira edição do Lê foi contemplada no primeiro edital estadual exclusivo para a capoeira, realizado pela Secult, em 2016. Mais um feito histórico da atuação relevante da Mestra Raquel. Sobre seu reconhecimento como mestra de capoeira, em 2015, revela que ficou preocupada e não foi simples, mesmo sabendo que muitos/as alunos/as já a chamavam de mestra:

"Eu fiquei preocupada, porque era muita responsabilidade pra mim. O que eu queria mesmo, como capoeirista, era ajudar na mudança de mentalidade. Eu reflito muito sobre isso de você ter sua história, de ter um caminhar. E as coisas não são fáceis, mas alcançar o objetivo faz ver que valeu a pena".

Quando recorda as oportunidades que recebeu da capoeira, ela lembra:

"[...] a capoeira me proporcionou coisas que talvez eu não alcançaria... Eu não teria andado de avião, eu não teria conhecido ministros da cultura. O círculo de amizades e o intercâmbio cultural que eu alcancei... foi a capoeira que me proporcionou. Eu conheci algumas capitais do meu país, conheci muitos mestres, que a gente tá aqui na ponta do sertão... Eu tive a oportunidade de levar meus alunos pra conhecer grandes mestres, o Mercado Modelo, tudo foi através da capoeira".

Ela percebe hoje a grandeza do trabalho social que realiza há muito tempo: “Eu terminei agora a faculdade de serviço social e isso me ajudou muito a perceber que eu faço um trabalho social de muita grandeza, eu sou uma agente cultural”. A mestra avança a cada dia na consciência sobre a luta contra uma sociedade machista: “Na universidade, eu comecei a buscar mais os meus direitos de mulher, de não baixar a cabeça, de falar não e de não me omitir”. A mestra continua:

“Capoeira pra mim é vida, ela me completa. Hoje eu não me vejo sem a capoeira. De falar eu vou desistir da capoeira e aí, eu olho os olhares das crianças que vivem sem oportunidades... me abraçam. A capoeira me passa energia através delas. De falar, pô, vale a pena eu estar viva, vale a pena eu passar por muitas coisas porque a capoeira transmite essa vitalidade pra mim”.

Por fim, para nos deixar ainda mais encantadas/os e reflexivas/os, Mestra Raquel nos traz uma importante contribuição sobre atitudes de violência e machismo que presencia, e que hoje não mais se cala, marcando a sua responsável representatividade como uma mestra de capoeira que deseja que essa potente cultura seja um espaço seguro de desenvolvimento para as mulheres que desejam ser capoeiristas e/ou praticar a capoeira:

“Tem atitudes de mestres, tipo assédio em eventos... mestres com nome a zelar, e vejo que muitas meninas, por respeito a eles, elas se calam, se omitem. Eu acho isso inadmissível. Isso tira toda a minha admiração e penso... não! Isso dá um desencantamento, a palavra é essa. Mas vejo também que a gente precisa falar sobre isso. Tem que abordar esses assuntos nos eventos. São muitos relatos...”.

***A capoeira, com certeza,
precisa de mulheres conscientes
como ela, e sua luta e sucesso
dignificam nossas ancestrais
e cada uma de nós! AXÉ! Viva
Mestra Raquel!***

MESTRA SONINHA

Sônia Maria da Silva Borges

Nascida em 09 de maio de 1969, na cidade de Muritiba, Recôncavo Baiano, Mestra Soninha é filha de Manoel Borges dos Santos e Alaíde da Silva Borges, nona filha de uma família formada por onze filhos/as, cinco homens e seis mulheres. Sua infância foi feliz e muito ativa corporalmente. Como ela afirma:

“Muritiba é uma cidade pequena, pacata, na época em que eu era criança, era muito tranquila. Então, a gente vivia brincando na porta de casa, na rua, na casa dos vizinhos. Só tinha as regras de casa, que minha mãe sempre colocava: hora de tomar banho, de almoçar, horário de estudar... Então, tinha que seguir só os horários. Se seguisse tudo direitinho... e tinha que fazer sempre alguma coisa dentro de casa: aprender a valorizar o trabalho do outro, né? Brincava na rua, pegava fruta do quintal do vizinho. Eu fui uma menina muito danada. Ia pro rio, era proibido ir pro rio, mas eu ia sem falar nada, não mentia, eu omitia, mas eu ia! Montava no cavalo no pelo, tinha muitos amigos. Eu era uma menina parecendo uma menininha de rua. Muito danada e feliz também”.

Aos 18 anos, encontrou a capoeira. Fazia muitos esportes, jogava vôlei, basquete e amava futebol, este uma grande paixão que dominava bem,



por isso tinha tantos amigos. Como morava em frente ao clube, os amigos passavam por lá e a chamavam “Bora, Soninha! Tá na hora!”

Mestra Soninha desejava fazer uma luta e, nesse mesmo clube, tinha caratê, mas ela achou muito sério. Bonito, mas sério. Em determinado momento de sua adolescência, em 1987, foi até Salvador para o apartamento que a família tinha, e onde estavam morando suas irmãs mais velhas, para receber parentes que vinham de Brasília. Nessa época, em Amaralina, existia uma churrascaria, Roda Viva, onde foram almoçar, e estava acontecendo uma apresentação de capoeira. Ela lembra:

“Até arrepio. Lembro como hoje. A gente preparando o prato para comer e quando eu me vi, eu estava de frente pro palco, com o prato na mão, assistindo à apresentação. Achei a coisa mais linda do mundo e eu disse pronto! Já sei o que eu quero fazer: capoeira!”

Pouco tempo depois, uma amiga lhe avisou que haveria uma turma de capoeira em Cachoeira, cidade bem próxima de Muritiba. Essa amiga perguntou se ela não gostaria de participar, e Soninha, imediatamente, se animou: “Era tudo que eu queria!”. Contudo, precisou enfrentar a dificuldade de aceitação dessa decisão por parte de seu pai e mãe, pois, como recorda, “não era todo mundo que aceitava mulher jogando capoeira”. Mesmo assim, insistiu com a mãe e afirmou: “minha mãe, eu vou fazer capoeira!”.

Então, entrou em negociação com a mãe e com o pai e ouviu a determinação de que ela só poderia fazer capoeira se tivesse alguém ‘de confiança’ que a levasse e a trouxesse de Cachoeira. A esperta Soninha não perdeu tempo e organizou-se com um amigo capoeirista, que chegou a ir a sua casa para conversar com sua mãe e se comprometeu em levá-la e em trazê-la dos treinos. E, assim, ela pôde começar a sua forte jornada na capoeira. Nunca parou! Depois disso, vivenciou o orgulho que sua mãe e pai passaram a ter ao apresentá-la como professora de capoeira para amigos e em ambientes que frequentavam, como a Academia de Letras, da qual seu pai era membro.

Seu grupo de capoeira sempre foi o Grupo Raça, e seu mestre sempre foi Luís Medicina, que a reconheceu como mestra de capoeira em 2010. Quando perguntamos que tipo de capoeira Mestra Soninha pra-

tica, ela responde imediatamente: “Sou capoeira. Porque, na verdade, ela é um todo. Eu acho que não dá pra definir estilos. Eu sou capoeira!”

No início dos anos 90, Soninha já ensinava e entendeu que deveria formar uma turma de capoeira para mulheres. A turma encheu, foi um sucesso. E, aos poucos, essa turma foi se tornando mista e perdura até hoje. Mestreira Soninha tem um irmão, mais velho que ela, que é também praticante de capoeira e iniciou a prática sob a sua orientação.

A mestra é professora de educação física e também dá aulas de capoeira na cidade onde permaneceu, Muritiba. Teve oportunidade de viajar pelo exterior e outros estados do Brasil através da capoeira, mas valoriza também as várias visitas que pôde fazer aos interiores onde esteve abrilhantando eventos, dando aulas, participando ativamente e inspirando muita gente.

Mestra Soninha mostrou sua forte personalidade e contou que, em algum momento, ganhou alguns apelidos, por exemplo, o de Mônica (o que remetia à sua atitude destemida e de força na roda), porém eles “nunca pegaram”. Ficou conhecida como Soninha mesmo. Também afirma que está em um relacionamento homossexual estável e não tem filhos. Nesse sentido, é muito importante, na atualidade das lutas de gênero que ocorrem na capoeira, o seu exemplo, sua atitude e resistência nesse meio, pois, diante da presença de mulheres e outros gêneros não binários, há necessidade de enfrentamento a preconceitos diversos. Esse é mais um ponto que marca a relevância da Mestreira Soninha como uma grande referência na capoeira. Segundo ela:

“[...] capoeira para mim, eu posso falar, é minha vida. Eu fiz educação física por causa da capoeira. A capoeira me ajudou muito. Foi o que me manteve, inclusive, financeiramente, e me manteve muito bem emocionalmente, pra conseguir passar pelos problemas. Então, a capoeira é minha vida! Nunca deixei de jogar capoeira ou de treinar. Inclusive, gosto mais de treinar do que de jogar. Gosto muito de treinar!”

Ela prossegue na sua compreensão a partir da vivência profunda na dinâmica dessa arte:

“Todo momento que te faz meter a cara num problema pra ver

no que vai dar, de roda, de jogo, de conhecer pessoas, de começar a me soltar pra falar...a capoeira fez isso comigo! Porque mesmo sendo professora de educação física, eu sou tímida. Então a capoeira me ajudou muito.”

Mestra Soninha deseja que sua vivência e exemplo na capoeira sejam fatores motivadores para que outras pessoas possam prosseguir. Mais uma vez, declara uma sábia opinião:

“A gente precisa ter coragem pra enfrentar os problemas, não desistir. A gente tá aqui pra enfrentar. Se acontecer uma coisa que pareça às vezes ruim, será que é ruim completamente? Então, a gente tem que saber tirar proveito das coisas. Seja parecendo bom ou ruim. Não importa. Aprender a ver, a observar criticamente e a tomar a sua própria decisão. E assumir, né?!”

**Que suas potentes palavras sejam força para todas as pessoas que compõem o universo da capoeira.
Viva Mestreira Soninha!**





MESTRA TAÍZA

Taíza da Silva

Nascida em 06 de fevereiro de 1978, em Santo Amaro da Purificação/BA, Mestre Taíza é filha de Antônia dos Santos Silva e Antônio Patrício da Silva, uma família composta por vários filhos/as. Sua mãe “fez três barrigas de gêmeos” e mais outras quatro gravidezes, sendo a mestra uma das gêmeas. Ao lado de seu companheiro, apesar de não ser mãe, sente-se mãe de seus alunos, crianças e jovens, acompanhados por ela enquanto educadora da capoeira, ferramenta pedagógica que considerada valiosa.

Seu início na capoeira deu-se aos 15 anos, diante do contato com a prática, a qual ocorria no bairro Pilar, onde morava, porém, seus pais não a autorizavam, então, ela não tinha como se matricular, pois era menor de idade. Quando começou a cuidar de uma criança, a mãe desta, ao ver uma roda na praça da Purificação, matriculou a criança e, dois meses depois, Taíza se matricula também na ACARBO, com Mestre Macaco, em 10 de maio de 1994.

Já na infância, há, por parte dela, uma tomada de consciência sobre oportunidades e desigualdade social:

“Minha vida de criança...eu morava em Santo Amaro, mas em uma usina rural. E com 4, 5 anos, meu pai vem para a área urbana e viemos junto. A casa não tinha nada, meu pai começou a

construir aos poucos. Viemos passar uma festa de São João aqui e acabamos não voltando mais. Eu passei por vários trabalhos, porque meu pai não tinha condição de suprir minha vida financeira e eu tinha vontade de construir algo, de poder ajudar meus familiares, meus pais. Graças a Deus, meu trabalho me deu essa oportunidade. Então, não foi a vida que eu esperava, mas foi a vida que meu pai pôde me dar, e eu dou graças a Deus por ele ter me mostrado o caminho. E por esse caminho, me encontrei na capoeira, ela me abriu espaços e me preparou pra vida, me deu formação intelectual. A capoeira é um divisor fundamental na minha vida”.

No início, era difícil conciliar a capoeira, o trabalho de cuidadora e o estudo, assim, levava a criança para capoeira, o primeiro horário era um treino específico para as crianças, logo em seguida a deixava em casa e voltava novamente para participar do treino com os adultos. Oriunda da escola ACARBO, continuou sendo discípula do Mestre Macaco, mas acredita que é necessário criar seu próprio espaço de atuação, “até porque, pra chegar a uma certa graduação, você tem que passar por essa trajetória, ter seu espaço e dar sua aula”. Hoje, integra a escola ACISSA, a Associação Cultural Sementes de Santo Amaro e é parceira do Mestre Bendengó. Em sua concepção, o mais importante é afirmar-se como capoeirista, sem necessariamente se preocupar com as diferenças entre as práticas. Desse modo, ela afirma:

“[...] eu me considero capoeira, porque se for angola, eu vou jogar, na medida do possível, se for regional, eu vou jogar, na medida do possível...Então, eu sou capoeira de Santo Amaro! Sou capoeira!”.

Mestra Taíza começou a dar aula de capoeira em um espaço no Natal/DERBA, ainda quando era cordel azul e amarelo (sua caminhada passa por mais de 6 cordéis), por volta de 1995. Com essa experiência, enxergou a necessidade de oferecer uma formação mais ampla para as crianças, por isso, ampliou seu trabalho.

Após anos de trajetória na capoeira, em 31 de agosto de 2019 tornou-se mestra reconhecida pelo Mestre Bendengó. Esse foi para ela um momento inesquecível, celebrado durante um mês de festa, em que demonstrou todo seu encantamento, mesmo nervosa diante dos con-

vidados especiais que celebraram durante vários dias (01 de agosto de 2019 a 31). A celebração de sua mestria a marcou muito, motivando-a a continuar seu sonho: a construção de seu espaço e maior poder financeiro para alavancar seus projetos com capoeira-educação.

Durante seu percurso na capoeira, Mestra Taíza conheceu cidades e estados, tais como Rio e Espírito Santo. Tudo foi proporcionado pela capoeira, algo que ela nunca poderia imaginar. Em breve, está programada uma viagem internacional, adiada por causa da pandemia. Ela é mais uma mestra que considera a capoeira ‘sua vida’, para além de ela ser uma “manifestação de apoio, uma cultura que eleva a autoestima, traz transformação de vida e cidadania”. Acredita que, se as pessoas soubessem sobre toda essa potência da capoeira, o mundo estaria mudado.

Mestra Taíza, enquanto mulher, não pensa apenas em ‘ser mulher’, porque, segundo ela, a capoeira pede união entre todos. Além disso, a mestra acredita que a luta deve ser assumida por todos e não apenas uma luta feminina, ou seja, no dizer dela, “Fazer o bem sem olhar a quem”. Acredita, também, que podemos fazer mais dessa forma, pois a capoeira ‘não pode ser só individual’.

E, assim, essa santamarense ocupa o espaço de mais uma ilustre mestra do Recôncavo Baiano, e que tem sua história de vida entrelaçada a tudo que hoje em dia busca fazer, por meio da capoeira, para a capoeira e seus e suas praticantes. Uma fruta boa da capoeira!

***A mestra finaliza dizendo que “a capoeira é história de um povo e o povo sem história não existe”.
Viva Mestra Taíza!***



MESTRA TEKKA FOGUETE

Tereza das Candeias dos Santos

Nascida em Nazaré das Farinhas, na Bahia, Mestre Tekka Foguete vem de uma família numerosa, com sete irmãos/ãs, e desde criança sempre foi muito esperta e observadora, começando a perceber que existiam muitas coisas que a incomodavam. O tempo passou e ela pediu autorização da sua mãe para ir trabalhar como cuidadora de criança na capital, mas sabia que não seria por muito tempo, pois almejava ampliar os seus horizontes, devido ao seu potencial empreendedor e criativo.

Os seus passos foram lentos, porém contínuos, até que surgiu a oportunidade de trabalhar em um restaurante bastante conhecido, o Maria de São Pedro, e em seguida ela buscou ajuda para abrir seu próprio negócio no Mercado Modelo, em Salvador, com peças exclusivas, sendo algumas de sua própria criação, e foi nesse local que ela teve o primeiro contato com a capoeira, ficando muito encantada.

Sempre foi inovadora, dando preferência a locais diferentes e inspiradores. A Mestre Tekka Foguete gosta de conviver cercada de pessoas, misturas e cores. E devido à sua expressiva forma de se comunicar, conseguiu que as suas peças tivessem visibilidade rapidamente, chegando a ser divulgadas por personagens globais que usam os seus colares, tecidos e turbantes.

O Pelourinho é a sua fonte de inspiração e foi lá que conheceu muitos mestres renomados, tais como Mestre Caiçara, Mestre Dois de Ouro, Mestre Vermelho Boxel, Mestre Descente e Mestre Edvaldo “Leão”. Foram eles os motivadores para que ela começasse a praticar capoeira, e

em 1988, ela passa a ser aluna do Mestre Vermelho 27, na Associação de Capoeira Mestre Bimba, no Pelourinho.

Naquele momento, o medo uniu-se à insegurança, pois ali só treinava quem tinha “farinha no saco”, como dizia o Mestre Vermelho 27, só que a sua coragem sobressaiu e até hoje ela está lá. Um outro mestre muito importante e decisivo em sua trajetória é Rubens Costa Silva, o “Mestre Bamba”, a quem tanto ela tem admiração e respeito. Enfrentou muitos obstáculos para continuar treinando, como o preconceito e machismo. E assim ela foi gingando e superando todos os desafios, podendo afirmar que é uma satisfação permanecer e criar laços na capoeira.

É mãe de duas garotas, Pola e Paloma, que são muito focadas e dedicadas aos estudos. Nem mesmo durante a gravidez ela parou por um instante, com oito meses de gestação continuava assídua aos treinos. Diante do sentimento materno, a Associação de Capoeira, da qual ela faz parte, tornou-se a sua segunda casa, devido ao imenso amor a essa arte.

A capoeira lhe proporcionou uma maravilhosa viagem à Venezuela, tornando-a confiante para abraçar novas oportunidades no exterior. Ela joga capoeira angola, regional, domina vários toques de berimbau, toca agogô, xquerê, reco-reco, atabaque, entre outros. A sua voz é encantadora, e isso se reflete nas ladainhas, quadras, corridos, samba de roda e maculelê. O seu domínio sobre questões referentes à cultura baiana é encantador.

Mestra Tekka Foguete não gosta de estabelecer inimizades na capoeira, por isso é sempre acolhedora e procura ampliar os seus relacionamentos, o que favoreceu a sua mestria. Em 2020, esse sonho foi realizado e, através das mãos do Mestre Bamba, recebeu o título de mestra. Ela é a primeira mestra formada pelo Mestre Bamba.

Espera-se que a sua experiência seja referência para outras mulheres, que ao longo dos anos tiveram a figura masculina como protagonista. E esse negacionismo se deve à própria estrutura da sociedade machista e patriarcal, que designou às mulheres, por muitos anos, a função de cuidadora do lar e da família.

Mas, é nos golpes e esquivas que a Mestra Tekka Foguete vai assumindo o seu papel, dedicando-se à cultura popular e reconstruindo os

espaços por onde passa. A capoeira promove situações que vão para além da roda, e que são basilares para uma boa convivência em sociedade. Como relata: “Para além de uma atividade física, a capoeira une muitos amigos, é um processo de aprendizagem constante e também uma forma de terapia”.

Belo exemplo de determinação e coragem, além de consciência da função social da capoeira. Viva Mestra Tekka Foguete!





MESTRA TISZA

Tisza de Oliveira Coelho

Nascida no Rio de Janeiro, em 1966, Mestra Tisza é filha de Marta Madalena Vargas de Oliveira e Sergio Raimundo Huch Coelho, tem dois irmãos e é a caçula da família. Passou uma infância feliz, em uma família de classe média, em uma Copacabana que não existe mais, onde a menina Tisza andava de bicicleta pelos quarteirões do bairro, sozinha, enquanto o porteiro do prédio onde residia “passava os olhos nela”, a pedido de sua mãe.

Esse período reflete lembranças boas, época na qual a semente da autonomia já podia ser vista brotando na criança Tisza, que, por opção consciente dos seus pais, estudou em uma escola construtivista, na qual foi bolsista. Lá, ela enfrentou preconceito por conta de seus cabelos crespos, os quais só ‘soltou’ aos 12 ou 13 anos.

Uma pessoa importante para sua formação foi sua bisavó, com quem aprendeu a costurar. Desde a infância se interessou por música, pois sua mãe tinha cadernos com composições de vários compositores da MPB, da era do rádio, e a ensinava a cantar diversas delas, que a encantavam e despertaram a grande paixão que sente pela música, pelas tonalidades, harmonias e dissonâncias apresentadas.

Essa relação com a música a fez aplicar suas economias em discos de MPB comprados em sebos das galerias de Copacabana, economias

guardadas a partir da mesada recebida em um momento no qual seu pai ensinava aos filhos certa educação financeira. Tornou-se autodidata sobre a música e os/as compositores/as brasileiros/as, e se envolveu com a cultura afro-brasileira em rodas de choro e samba frequentadas por influência de um amigo de infância, aos 11 ou 12 anos de idade.

Além da música, a capoeira tornou-se sua outra paixão, iniciando seus estudos e prática em 1981, aos 14 anos, porque duas amigas estavam praticando e a incentivaram a 'entrar'. Então, no Rio de Janeiro, com Mestre Garrincha, integrando o Grupo de Capoeira Senzala, deu início à sua formação. Tiza começou a dar aulas e ter alunos em 1987, mas desde 1986 dava aulas como substituta do mestre, no grupo.

Mesmo sendo comuns os apelidos no meio capoeirístico, o único que recebeu foi logo no início da sua prática: Atiça (do verbo atiçar). Algumas pessoas achavam que seu nome era Patrícia, pois ficou conhecida por Tiça, naquele momento. Hoje é conhecida apenas como Mestra Tiza.

Seguindo sua trajetória, lecionou em escolas construtivistas no Rio, participando do processo histórico de inserção da capoeira nas escolas públicas e particulares cariocas. Na década de 80, participou de reuniões sobre capoeira no Ministério da Cultura e Educação, tornando-se atuante na área. Como ela afirma, "Nos anos 80 a capoeira me levou para muitas esquinas e quebradas da minha cidade e município". Desde então, as viagens e intercâmbios tornaram-se frequentes em sua vida:

"[...] também nos 80, viajei atrás de capoeira para São Paulo, capital, São José dos Campos, Guaratinguetá e outros interiores paulistas. Em Curitiba, em 1989, joguei com Mestre João Pequeno pela primeira vez".

Também estive em Belo Horizonte, Petrópolis, Teresópolis, Vitória, São Luís e Salvador. A Mestra lembra que, por volta de 1986, após viagem que fez à Bahia, quando conheceu o Mestre João Grande, que viria a se tornar seu mestre, observou uma diferença entre as capoeiristas do Rio e Bahia: em Salvador, as mulheres tocavam berimbau e atuavam com menos firmeza na roda, e no Rio, acontecia o oposto. Esse foi um argumento que usou para incentivar suas contemporâneas a se aprimorar no toque do berimbau. Ela, com certeza, se aprimorou, e hoje em dia é

referência de mulher tocadora para a grande comunidade de capoeira. Com 10 anos de prática de capoeira, ganhou o mundo a partir da sua arte. Como afirma:

"[...] nos anos 1991 a 1993 a capoeira me levou a morar e trabalhar em Paris e Amsterdã. Trabalhei na Alemanha em muitas cidades; Bélgica, França, Finlândia, Suécia, Portugal, Itália, antiga Tchecoslováquia, dentre muitos outros países europeus. Essa poderosa capoeirista, literalmente, deu volta ao mundo. Esteve também na América, Ásia e na Oceania: "fui trabalhar em todo EUA, Canadá, México, Córsega, Colômbia, Austrália, Nova Zelândia, Caribe, Hong Kong, Japão, Coréia. Participei de diversos eventos de capoeira e cultura brasileira nos EUA, fazendo parte também de grupos musicais, performáticos e folclóricos (Urban Tap, Beat The Donkey, Roots of Brazil, Ornette Coleman Ensemble, Capoeira Foundation, Ginga Brasileira são alguns deles)".

Em 1992, iniciou seus estudos de capoeira com Mestre João Grande, em Nova Iorque, tornando-se sua discípula e aluna. Tiza tem o compromisso com a cultura oral e a capoeira angola de realizar o resgate e a perpetuação da linguagem do seu mestre no Brasil. Assim, retornando ao Brasil e se estabelecendo na Bahia, fundou, em 2004, o Centro de Capoeira Angola Ouro Verde, em parceria com o Mestre Cabello Caobijubá. Lá, ela leciona na área rural e no povoado de Serra Grande. Suas iniciativas já receberam reconhecimento e prêmios locais e nacionais. Em meio a tanta movimentação, ela também é mãe. Mãezona. E tem duas filhas da barriga, e um filho do coração, declara.

Mestra Tiza não é apegada a datas, mas guarda com imenso amor e orgulho os reconhecimentos (entregas de diplomas) como contramestra e mestra, pelo Mestre João Grande. Nos conta, também, que antes dos diplomas, já era chamada mestra nos EUA, Rio, Maranhão e em outros lugares, e temia que seu mestre se 'arretasse' com isso. No entanto, ela afirma ser "super fiel e discípula" de seu João: "[...] desde que cheguei na academia do Mestre, sempre disse e repito até hoje: sou alforriada". É uma mulher de personalidade marcante: "[...] não sei se por formação familiar ou por signo".

Essa sagitariana, reconhecida por ser muito boa cantadora e tocadora nas rodas de capoeira angola, possui registros fonográficos como parti-

cipação especial (instrumentista/cantora): CD Mágica (New York 1999), CD Rogério Bicudo Ensemble (Amsterdã 1992), CD Nestor Capoeira e Mestre Toni Vargas (RJ 1987), Beat The Donkey (NY 2000), CD Grupo Senzala (RJ 1986) e em 2018, gravou, com outras mulheres capoeiristas um CD. Em 2020, foi contemplada com o prêmio Emília Biancardi, pela Secult/BA, algo que lhe deixou muito feliz, pois tem Emília Biancardi como sua mestra e referência principal, e também como uma sábia amiga pessoal.

Mestra Tiza costuma dizer que é uma 'operária padrão da capoeira', a partir da lida direta com os/as alunos/as e aulas em seu espaço. Ela faz da capoeira seu estudo e sustento, sua arte e trabalho, e continua a construir, a cada dia, a partir de seu corpo, canto, conhecimento e experiência adquirida e transmitida, sua forte e inspiradora trajetória nos caminhos da capoeiragem.

***Sem dúvida, um exemplo
de dedicação e talento a ser
valorizado.
Viva Mestra Tiza!***

COORDENADORA



FRANCIANE SIMPLICIO FIGUEIREDO

é capoeirista e mestra em Educação pela UFBA, coordenou o Programa Capoeira Viva do Ministério da Cultura em Salvador. Atuou na organização e produção do I Congresso Internacional de Pesquisadores da Capoeira - UFRB. Participou como pesquisadora do livro *Mestres e Capoeiras Famosos da Bahia*. Além disso, é organizadora dos livros *A Capoeira em Salvador: registro de mestres e instituições*, *Pensando a Capoeira: dimensões e perspectivas* e *Capoeira em Múltiplos Olhares*. Faz parte do Conselho Gestor da Capoeira da Bahia e é idealizadora da empresa Maré Cheia Produções Criativas e Sustentáveis.



DAYSE SIMPLICIO F. CERQUEIRA

é capoeirista há mais de 20 anos, conhecida como instrutora Formiga, formada pela Associação Cultural de Capoeira Gangara, socióloga pela Universidade UNIFACS. Idealizadora da empresa Colecult, por meio da qual desenvolve diversas ações de valorização e difusão da cultura negra. Além disso, é autora da Revista Capoeira em Quadrinhos e do projeto Encontro Infantil de Arte e Capoeira no Parque, coautora da Cartilha de Educação Patrimonial Brincadeira de Capoeira, dentre outros.



LUÍSA PIMENTA,

a Lilu, é capoeirista desde 1992, formada em pedagogia e, atualmente, realiza mestrado na UFBA. Atua em várias frentes pela valorização dessa cultura: o ensino para crianças, a salvaguarda e o bem-estar de mestres e mestras mais velhos/as, a pesquisa sobre as relações da capoeira e educação. Fundou, com seu mestre, o grupo cultural Capoeira Malta da Serra, atuante em Lauro de Freitas. Além disso, traduz livros de capoeira para o inglês e é militante pelas questões de gênero, algumas de suas multifacetadas tarefas. Publicou o livro infantojuvenil *CapoFlora FaunaEira*.



MARISTELA CARVALHO DE SOUZA

é capoeirista, mestranda em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas pela UFRB. Especialista em Língua Portuguesa e Literatura pela Faculdade São Bento da Bahia, também é licenciada em Pedagogia pela UNIFACS e bacharela em Comunicação Social com habilitação em Produção Editorial, pela Faculdade Hélio Rocha. Atualmente é pesquisadora da cultura negra com ênfase na capoeira e no afoxé.





Apoio financeiro:



SECRETARIA
DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

